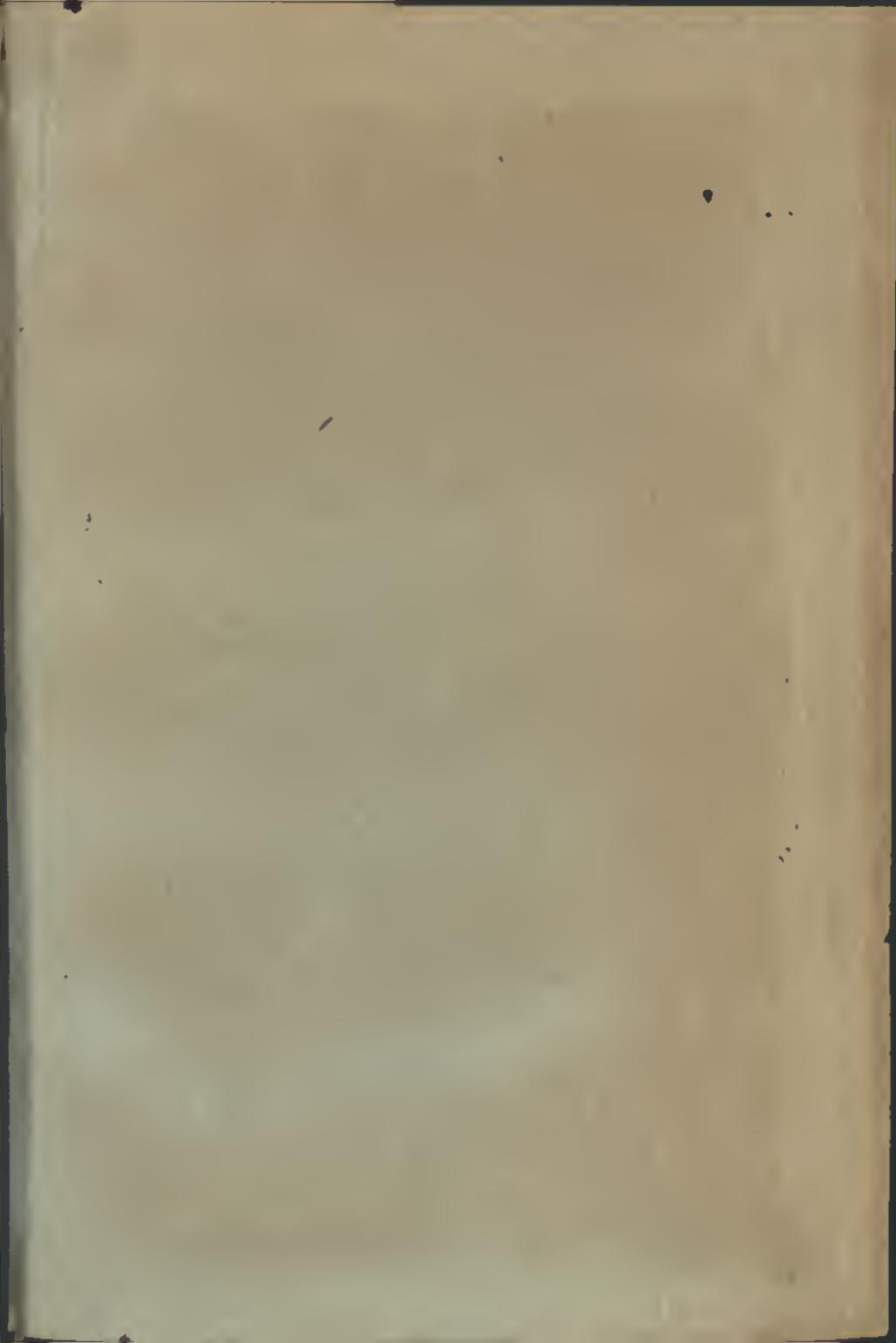


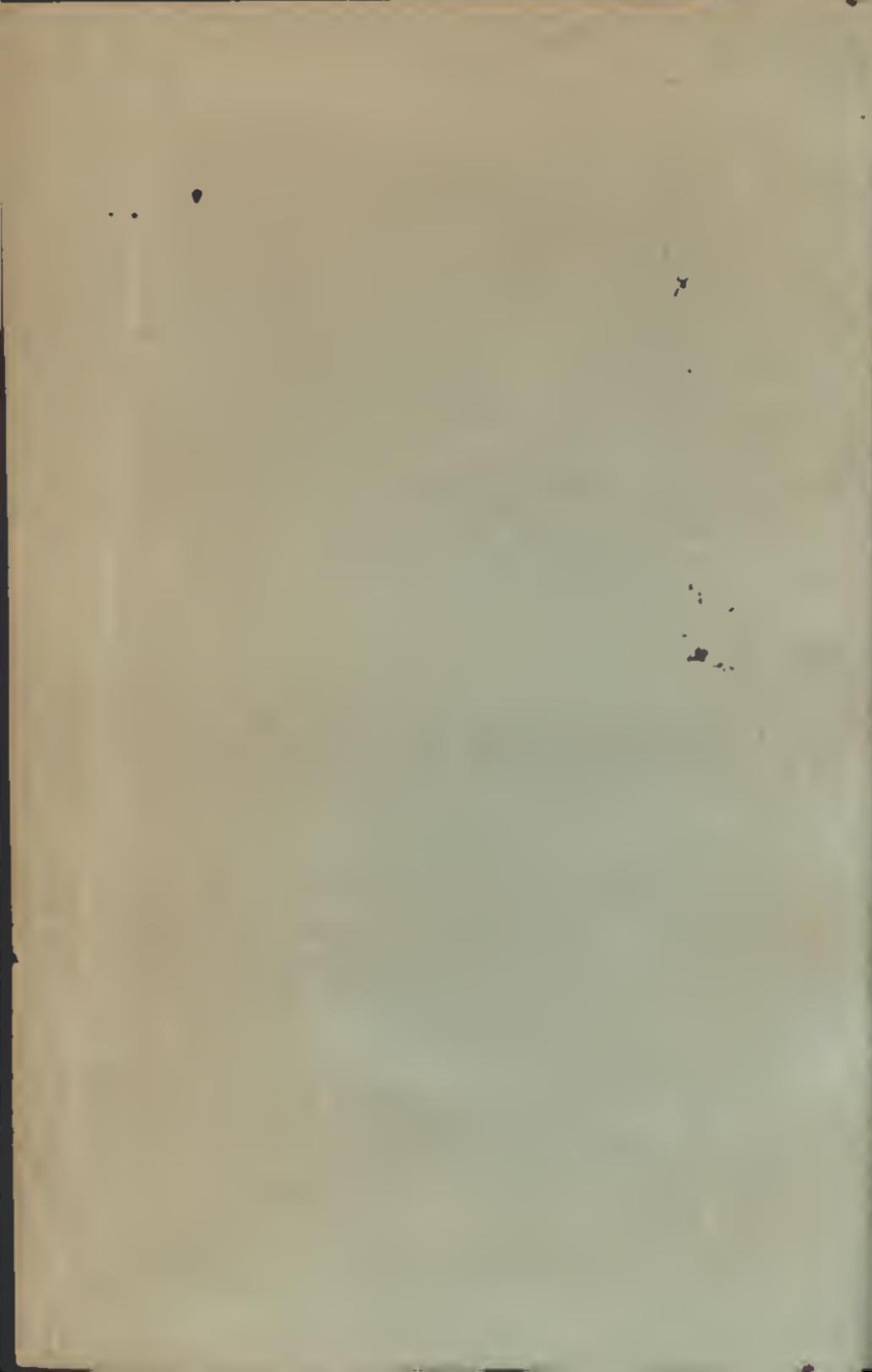


✓

1611

11
2
4
4





L. 1611

A POETICA

DE ARISTOTELES

TRADUZIDA
DO GREGO EM PORTUGUEZ.

1922
1779
1743



LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO DE M.DCC.LXXIX.

Com licença da Real Mesa Censoria.

177
—
1

Caminha por aqui: esta he a direita
Estrada, dos que sobem ao alto cume,
Ao brando Apollo, as nove Irmaãs aceita;
De bem escrever saber primeiro he fonte;
Enriquece a memoria de doutrina.

*Ferreira na Carta XII. do Livro I.
a. Diego Bernardes.*

Althayde
23-1-1721

AO ILLUSTRISSIMO
SENHOR
D. DOMINGOS
JOSÉ DE ASSÍS MASCARENHAS.

O *Offereço a VOSSA SENHORIA trasladada em nossa Lingua a Poetica de Aristoteles. O esplendor da Casa de VOSSA SENHORIA, que fez sempre hum bom acolhimento ás Letras; a grandeza de sua Pessoa; e a profunda sabedoria de seus estudos, além de outras cousas mais, erão*

erão grandes , e sobejos titulos
para eu por elles a dedicar ao
respeitavel Nome de VOSSA
SENHORIA. Mas elles o fe-
rão ainda algum dia para ou-
tras obras , se por ventura eu
puder tanto : por ora só me lem-
bro do amor , e dos beneficios ,
que devo a VOSSA SENHO-
RIA ; e este he o unico titulo ,
que tômo agora para offerecer
pela primeira vez a VOSSA
SENHORIA a Traducção des-
ta Obra de Aristoteles , por dar
com isto algumas mostras de meu
reconhecimento a tanto bem. Ef-
pero que VOSSA SENHO-
RIA a receberá com boa som-
bra ,

bra, acceitando-me esta pequena
demonstração de agradecimento
com o mesmo agasalho, com que
costuma fazer-me os beneficios.
Pelo que toca ao merecimento
desta Poetica, não fico com cui-
dado, porque ella mesma fallar-
rá por si; quanto mais, que
VOSSA SENHORIA já des-
de os primeiros annos, em que
tão profundamente se entranbou
na leitura dos melbores Escri-
tores Gregos, affás tem conbe-
cido quanto ella val. Pelo que
pertence porém á Traducção, jul-
gará VOSSA SENHORIA
pelo muito, que sabe desta casta
de estudos, se se conseguio por el-
la

la representar fielmente alguma
parte de hum Original tão difficil
por sua linguagem, e por si mes-
mo. Por certo que o juizo de
VOSSA SENHORIA será a
regra principal, por que me eu
guie, porque saiba assim em que
conta a deua ter. He o que ti-
nha que dizer agora a VOSSA
SENHORIA, cuja Pessoa o
Ceo guarde, e conserve muitos
annos, como todos os bons de-
sejão.

De VOSSA SENHORIA

Criado muito obrigado

O Traductor. . . .

INTRODUCCÃO
A' POETICA
 DE
 ARISTOTELES.

NÃO faremos injúria a hum Se-
 culo tão efelarecido, como o
 noſſo, ſe diſſermos que o deſprezo
 das regras, e a ignorancia dos pre-
 ceitos he ſobre tudo, o que mais re-
 tarda osprogrefſos da Literatura. Pe-
 lo que pertence á Poezia, julga-ſe
 pelo commum que he inutil a Arte,
 porque as ſuas regras não podem dar
 ao homem o talento, ſe por ventu-
 ra lho regou a natureza; por iſſo ſe
 deſpreza o conhecimento de ſeus
 preceitos, aſſentando-ſe que o que
 tem eſte talento, póde por ſi ſó per-

VIII INTRODUÇÃO.

ceber todos os segredos, e bellezas da Poezia, e que basta ter nascido Poeta, para o ser perfeitamente.

*A Arte he
util, e ne-
cessaria
para o bom
uso da Poe-
zia.*

A experiencia com tudo tem mostrado o contrario, porque os maiores Poetas forão sempre os que mais estudarão as regras da Arte; e de quantos até agora as desprezarão, ainda não houve hum só, que pudeffe com razão lisonjear-se de as ter felizmente desprezado.

Com effeito julgárão os Sabios em todo o tempo, que a Arte era util, e necessaria tanto áquelles, que querem julgar exactamente do merecimento de hum poema, como ao mesmo Poeta, que o compô.

*A Arte he
util, e ne-
cessaria
aos que
querem*

Porque em quanto aos primeiros, he certo que os que desejarão julgar solidamente, e sem enganodas vir-

tudes , e defeitos de hum poema , julgar
exatamen-
te de
mere-
cimento dos
poemas.
 não só por hum simples , e puro sen-
 timento d'alma , mas tambem por
 principios certos , e luminosos da ra-
 zão , necessitão de subir até as primei-
 ras idéas das bellezas Poeticas , e re-
 duzir debaixo do imperio da Filoso-
 fia as mesmas cousas , que parecem
 as mais independentes della , e que
 communmente se julgão commetti-
 das á discrição , e gosto de cada
 hum. Ora sómente a Arte lhes póde
 subministrar principios certos , e se-
 guros , por que possão raciocinar assim
 nesta materia , e saber a razão das cou-
 sas , que na Poezia nos maravillhão.

Quanto aos Poetas não lhes são A Arte he
util , e ne-
cessaria
aos mesmos
Poetas ,
que os
compõem.
 menos uteis , e necessarias estas regras
 na composição de suas obras. He
 verdade , que sómente a natureza cria

X: INTRODUÇÃO:

os Poetas , e que todas as regras da Arte não são mais que reflexões judiciosas, que sobre ella se tem feito pelos mais sabios dos Filósofos. E serião com effeito inuteis estas regras, se a natureza fosse logo perfeita em todos, os que nascem com o precioso talento da Poezia. Mas ella, seja por imperfeição natural ao homem, seja pelos habitos viciosos da educação, sempre apparece ou com faltas, ou com excessos. E tal por certo se tem visto sempre em todos os Poetas, que na composição de suas obras não tiverão outra guia, que o seu proprio natural. Porque por mais sublimes que tenham sido os voos do seu genio, sempre as suas grandes bellezas forão deslustradas com grandes vicios.

Por

Por tanto foi necessaria Arte, por que aprendessemos a conhecer bem a natureza, qual ella he em si mesma, e qual póde vir a ser pela nossa industria; como, e por quaes meios se corrigem seus defeitos, e se aperfeiçoa a sua obra.

No principio os mais sabios dos Poetas, como Homero, e outros, á força de repetidas reflexões sobre a natureza, a descobrirão, e por ella se regráão em seus poemas, com mais, ou menos felicidade; seguirão-se Filozofos illustrados, que depois de longas especulações a reduzirão a systema; outros, que depois vierão, a aperfeiçoarão.

Ora esta Arte huma vez descuberta, e ordenada com tanta sabedoria, quanta tiverão seus authores, he

he certamente huma guia a mais facil, e a mais segura, que podemos ter; por quanto as suas regras nos levão com muita facilidade, e segurança áquelle alto ponto de perfeição, a que nunca poderíamos talvez chegar por nós mesmos, ou a que não chegaríamos senão muito tarde, e com muito custo.

A Arte he o meio mais facil de aperfeiçoar a Natureza. ; Porque primeiramente quantos são os homens de hum genio tão feliz, e creador, que possão só por si, sem mais ajuda, entrar em profundas, e sublimes meditações da natureza, remontar até a origem das bellezas Poeticas, descubrir as cousas, que podem occupar o espirito do homem, ou mover o seu coração agradavelmente, discernir os quasi imperceptiveis limites, onde finaliza a bel-

a belleza, onde começa o vicio, reduzir todas estas cousas a principios, e estabelecellos tão certos, e infalliveis, que não desmintão já mais, em fim crear de novo á força de laboriosas combinações huma Arte, e huma Arte tão sublime?

Isto são cousas, que demandão huma vasta extensão de idéas, huma indagação profunda, e huma infinita exacção de espirito. São raros estes homens originaes, que a natureza tem dado de seculos em seculos para creadores das Artes, e das sciencias; e nós todos não nos devemos lisonjear de que somos desta classe.

¿Mas quando cada hum de nós fosse tão feliz, que á custa de suas proprias meditações por si só pudesse descobrir, o que só tantos homens

XIV INTRODUÇÃO.

sabios , e em tanto tempo , e com tanto custo acharão , quanto maior trabalho não teriamos em formar por nós mesmos estas regras , do que em estudar as já feitas , e trabalhadas por grandes mestres ? ; E qual homem se não poupará o trabalho immenso de abrir com grande custo hum caminho novo , havendo outro já trilhado , que o póde guiar com muita facilidade ao mesmo fim ? Pelo que fica claro , que a Arte he huma guia a mais facil , que podemos ter.

*A Arte he
o meio
mais segu-
ro de aper-
feiçoar a
Natureza.*

Não he menos huma guia segura , e sabia ; porque as suas regras em geral forão descubertas por homens de immensos estudos , forão fundadas em reflexões , que se fizerão sobre a razão , e a natureza ; tem sido consagradas pela pratica dos mais

illustres Poetas, e pelo estudo, e meditação dos mais esclarecidos mestres; e tem passado pela prova de todos os seculos illustrados, de todas as Nações polidas.

¿Pelo contrario hum só homem desprovido destas regras, guiando-se unicamente pelo seu natural, quantas vezes se allucinará nas suas reflexões, e sentimentos? Póde elle tomar muitas vezes o seu gosto particular, e pouco são pelo gosto universal, e commum dos homens, e ter por virtudes, e bellezas os defeitos proprios ou do seu genio, ou da sua educação. Pelo que he muito mais seguro, e mais prudente lançar mão das regras já feitas, e trabalhadas por homens, que as idades respeitárão sempre como mestres, do
que

que arriscar-se a não acertar sempre com ellas nas suas meditações, e sentimentos.

Isto não he dizer, que não devamos trabalhar sempre por adiantar os conhecimentos, que os antigos nos deixarão. A Filosofia, de que hoje tanta luz tem raiado sobre as letras, póde illustrar ainda este genero de estudos, póde avançar alguma cousa de mais, e aperfeiçoar a obra da antiguidade; mas não se alcança isto, senão seguindo os antigos mestres, e engrossando o nosso cabedal sobre o fundo, que estes homens nos deixarão. Isto fizeram nos dous seculos passados os mais distinctos expositores da Poetica entre os modernos.

*A melhor
obra deste
genero en-*

Ora o fundo mais rico, e precioso, que temos dos antigos, e sobre que

que estes mestres trabalharão, e nós *tre os antigos he a Poetica de Aristoteles.* podemos trabalhar tambem, he por certo a Poetica do Filosofo de Stagyra, que presentemente se offerece ao público traduzida na nossa lingua (^a). Tal foi este homem, que tudo felizmente concorre, para que elle pudesse observar a natureza, e os segredos da Poezia, e formar das suas observações huma obra digna de se apresentar ao espirito humano.

Porque elle tinha hum genio *Qual o talento de Aristoteles.* mais vasto, o mais profundo, e o
 B mais

(a) Aristoteles nasceu em Stagyra Cidade de Macedonia 384. annos antes de Christo, e no anno I. da Olympiada XCIX. foi filho de Nicomacho, que era Medico do Rei Amyntas, pai de Philippe de Macedonia, e descendente de Esculapto. Sua mãe foi Phebiades, descendente dos primeiros povoadores de Stagyra: morreu de idade de 63. annos, e no mesmo anno, em que morreu Demosthenes, isto he, no anno III. da Olympiada CXIV. 2. annos antes da morte de Alexandre M. e 322. antes do Nascimento de Christo.

mais esclarecido, que já mais houve, e hum entendimento o mais solido, o mais exacto, e o mais capaz de dirigir os progressos do espirito humano na composição daquellas obras, que são destinadas a deleitar, e a persuadir os homens. Em fim hum grande Filosofo, hum daquelles, que *de cento em cento annos*, como diz Ferreira, e *ainda mais tarde o Ceo nos manda*; porque parece dado pela natureza para honrar sua nação, illustrar o seu seculo, e deixar obras maravilhosas, que dessem leis ás idades futuras, e tivessem direito á immortalidade.

Quaes os
seus estudos.

O estudo aperfeiçoou sobre maneira o seu talento; e na escola de Platão, em que foi discipulo vinte annos, recebeu de tão sabio mestre, além .

além de outros muitos conhecimentos, todas as grandes idéas, que elle tinha da Poesia, e de quanto podia concorrer para a sua perfeição ^(b). Desde então se acostumou por longos, e aturados habitos ás mais sublimes especulações da theoria, porque longo tempo meditou profundamente sobre a natureza, e a exami-

B ii nou

(b) Aristoteles de idade de 18. annos passou a Athenas: e como a fama de Platão convidava a todos os estrangeiros para a sua escola, Aristoteles entrou na Academia para ouvir tão grande mestre: he certo que de Platão recebeu elle huma parte da sua doutrina, porque tinha Platão meditado muito sobre a natureza da Poesia, como se vê do seu Dialogo intitulado *Ion*, e dos lugares de outros Dialogos, dos quaes todos formou depois Paulo Beni huma Collecção, a que chamou *Poetica de Platão*. Criton, contemporaneo de Socrates, e algum dos outros, de que falla Vossio de *Artis Poeticæ natura* cap. v. Sect. v. tambem tinham escrito alguma cousa da Poetica, dos quaes talvez que Aristoteles se servisse: porém he igualmente certo, que isto não erão mais do que huns principios ainda rudes, e confusos da Poetica; e pôde-se dizer com razão, que Aristoteles foi o primeiro, que creou esta Arte.

nou em si mesma: adquirio hum íntimo conhecimento do coração do homem, donde tirou luzes necessarias para descubrir, e formar as regras da Poezia, que he toda fundada sobre as nossas paixões: penetrou até a alma, e essencia das bellezas Poeticas; descobrio as diversas fontes do prazer, que fente a nossa alma com os bons lugares dos Poetas; e fixou nesta materia os principios immutaveis da natureza, que foi sempre a soberana legisladora das Artes. Pelo que veio a fazer-se hum homem raro, e de hum saber immenso.

*Quaes as
vantagens,
que tirou
do seu se-
culo.*

Além disto vivia elle em tal tempo, em que todas as bellas Artes tinham chegado na Grecia á sua mais alta perfeição; e não lhe foi necessario fahir fóra do seu paiz, nem quasi do

do seu seculo , para achar os mais completos modêlos das principaes especies da Poezia ; modêlos , que se depois algumas vezes se igualá-
rão , nunca já mais se excedêrão. Por quanto teve a Homero , que lia profundamente para desentranhar da Iliada , e da Odyſſea as regras do Poema Epico ; e destas meſmas obras , e das de Eſchylo , de Sophocles , e de Euripedes pôde desenvolver felizmente os preceitos da Tragedia , aſſim como das obras de Ariſtophanes , e de outros mais os da Comedia. Pôde ainda fazer mais : porque pôde communicar com os diſcípulos de Eſchylo , que tinha levantado a Tragedia da ſua primeira groſſeria , e ouvir os meſmos meſtres , que enſiná-
rão a Sophocles , e a Euripedes , que
a ele-

a elevá-los á sua maior perfeição. Pôde em fim ser testemunha dos sentimentos, que tinha hum povo o mais polido, e o mais sabio do mundo sobre as obras dos Poetas, e observar quaes erão as cousas, que attrahião, e encantavão geralmente os Gregos; quaes aquellas, que ainda inteiramente os não satisfazião; e quaes as outras, que de nenhuma forte os contentavão.

*Qual o seu
talento pú-
ra a Poe-
zia.*

Accrescentemos a isto, que elle mesmo era hum grande Poeta, bem que se tenha vulgarmente por hum só simples Filósofo; porque isto he o que se mostra do precioso fragmento de huma Canção, que temos d'elle, sobre a morte de seu amigo Hermias Tyranno de Atarne Cidade de Mysia, o qual nos conservarão Diogenes

La-

Laercio (c), e Athenco (d). E he de tal preço este fragmento, que del-
le concluiu Escaligero, que Aristote-
les não cedêra em Poezia ao mesmo
Pindaro (e), e Casaubono lhe cha-
mou huma obra de Ouro (f). E forão
outros muitos os seus versos, quaes
as Elegias, que fez a Eudemo (g),
e os seus Epitafios aos mais famosos
dos Heroes Gregos, e Troianos (h).
Ora

(c) In Aristotel.

(d) Lib. xv. c. xvi.

(e) Lib. i. Poet. XLIV.

(f) Lib. xv. cap. xvi. *Animadvers. in Athen.*

Foi de tanta consideração este hymno de Aristote-
les, que delle se aproveitáram seus inimigos para o
criminar; porque Eurymedon, Sacerdote de Ce-
res, e Demophylo o accusáram de impiedade, di-
zendo, que aquella Canção era hum verdadeiro Pean,
e que a ninguém era licito cantar daquella sorte á
honra de hum simples mortal, hum Cantico sagrado,
que só era particular dos Deoses.

(g) Olympiodoro sobre o Gorgias de Platão faz
menção destas Elegias, e cita alguns versos de hu-
ma dellas em louvor de Platão.

(h) Temos ainda hoje o seu ΗΕΜΑΟΣ, que
consiste em mais de quarenta Epitafios em disti-

XXIV INTRODUÇÃO.

Ora hum grande Poeta, qual parece ter sido Aristoteles, affás podia discorrer sobre a Poezia não menos pelos sentimentos do seu proprio genio, e pela pratica, e experiencia, que tinha tido, que pelas sublimes meditações da sua theoria. E se he certo, o que muitos querem, que só aos grandes Poetas he que pertence o dar preccitos sobre a Poezia, porque só elles conhecem os segredos, que escapão aos outros, Aristoteles pelo seu genio, e pela sua pratica estava em estado de os conhecer, e de dar leis sobre a Poetica.

Eis-

chos Elegiacos a outros tantos Heroes os mais célebres, que se descrevem na Iliada. Guilherme Cantero foi o primeiro, que reconheceo, e mostrou, que estes Epitafios erão de Aristoteles, excepto aquelle, que he feito a Ajax. Henrique Estevão os tinha publicado sem nome em 1566. no fim da Anthologia dos Epigrammas Gregos.

Eis-aqui pois como todas estas cousas concorrêrão, para que Aristoteles havendo de escrever dos preceitos da Poezia para instrucção do Principe, que lhe tinha sido confiado, fizesse esta grande obra, em que desenvolveo os principios confusos de huma Arte ainda nascente, e fixou as regras, que devião dirigir na carreira o espirito dos Poetas (1).

He

(1) Poderá alguém duvidar se esta Poetica he de Aristoteles, por quanto houve outro do mesmo nome, qual foi Aristoteles Cyrenaico, que escreveram tambem do mesmo assumpto, segundo o testemunho de Diogenes Laercio v. 35. E com effeito Joaquim Camerario nas suas notas a Aristoteles creio, que esta obra ou era hum uero compendio da Poetica original de Aristoteles, ou obra de outro author do mesmo nome.

Porém o mesmo Diogenes Laercio, Ammonio Simplicio, Herimias, e outros dos antigos a attribuem ao Filosofo de Stagira, como observou já Vossio de *Art. Poetic.* Além disto he tal o methodo de Doutrina, e o estilo da Poetica, que dão loga mostras evidentes do espirito do Filosofo. Conhece-se ainda melhor que esta obra he sua, fazendo-se algumas confrontações entre a Poetica, e

A Poetica.
não está
hoje inteira.

He pena que tamanha obra nos não chegasse toda inteira, e que huma parte della se perdeffe pela injúria dos tempos (^k). Não se sabe com certeza nem o que se perdeu desta obra, nem de quantos livros se compu-

a sua Rhetorica; por quanto na Rhetorica cita elle algumas vezes a Poetica, e se achão nesta justamente os lugares, que elle cita, como por exemplo o lugar do c. II. do Liv. III. da Rhetorica, que começa assim: *Compondo-se a oração de nomes, e verbos, e tendo os nomes tantas especies, quantas se considerão na Poetica, &c. &c.* o qual lugar bem considerado se refere ao que se diz na Poetica no c. XXIII. Examine-se tambem o lugar do mesmo Capitulo já citado da Rhetorica, em que diz: *Fi-que assentado, que he virtude da Dicção o ser clara, &c. &c.* a qual passagem se refere á outra do c. XXIV. da Poetica. Estas, e outras mais confrontações, que se podem fazer, mostram manifestamente, que o author de huma obra compoz tambem a outra. Além desta obra, compoz Ariluteles hum Livro sobre a Tragedia, e tres Livros sobre os Poetas, o que tudo se perdeu.

(^k) Luiz de Castelvetto creio, que a Poetica estava toda inteira, e completa: e Frederico Boaventura, segundo refere Nicio Erythreo na sua Pina-Cothea I. p. 176. quiz mostrar o mesmo, e que só em hum lugar se achava mutilada.

punha (1). O que sabemos he, que não temos hoje o que elle certamente,

(1) Vicente Madio, e Francisco Robortello julgão, que sómente hum Livro se perdéra; e Victorio, que o segundo, e o terceiro. Paulo Benidiz, que a Poetica formava hum só Livro no seu principio, pois que Aristoteles se referia muitas vezes a hum só; mas que fora depois dividida em diversas partes por Theophrasto, Andronicu, e outros, segundo o gosto de cada hum; pelo que chegara ás mãos de Plutarco dividida em tres Livros, e ás de Laercio sómente em dous. Vossio *in Praefat. Oper. Instit. Poetic.* quer que constasse sómente de dous Livros, e que só estes fossem conhecidos na antiguidade; porque o lugar de Diogenes Laercio na vida de Socrates, em que parece fazer menção do terceiro Livro, o tem elle por corrupto, julgando que em lugar de *Poetica πρὸ ποιητικῆς* se deve ler *πρὸ ποιητῶν dos Poetas*, porque Aristoteles compoz tres Livros dos Poetas; e que a mesma emenda se devia fazer tambem em outro semelhante lugar de Plutarco na vida de Homero. Castelvetro, e Nunes seguem isto mesmo; e Baillet *Jugemens des Scavans* parece ser da mesma opinião. Porém João Alberto Fabricio na sua Bibliotheca Greca no Liv. III. c. vi. Sect. III. *de Poet. Arist.* com a authoridade de Boecio no principio do Liv. I. dos Commentarios Maiores ao Livro *de Interpretatione*, segue, que Aristoteles escreveu tres Livros de Poetica, e que o lugar de Laercio não está corrupto. O mesmo segue Mr. de la Monnoye da Academia Franceza, que nas notas a Baillet corrige o sentimento de Vossio com a authoridade de Fabricio.

te escreveu sobre a purgação das paixões (^m), nem a parte, em que tratou largamente da Comedia, e das diversas especies do Ridiculo (ⁿ), pois que disto attesta elle mesmo em outras obras. Por certo que outras cousas mais trataria na Poetica, de que nada nos resta hoje (^o). Talvez escreveu elle em particular da Poetia Dithyrambica, da Auletica, e da
Cy-

(^m) Aristoteles no Livro viii. dos Politicos c. ult. afirma, que na Poetica havia de tratar da Purgação dos animos mais claramente, do que naquelle lugar o fazia: o que se não acha hoje na Poetica.

(ⁿ) O mesmo Aristoteles no Livro i. da Rhetor. c. xxii. no fim diz, que na Poetica tratára do Ridiculo separadamente, isto he, quanto parece, com extensão, e como *ex professo*, o que tambem se não acha na Poetica, porque só em o c. iv. diz muito levemente alguma cousa da Comedia, e do Ridiculo em geral. Tambem no Liv. iii. da mesma Rhetorica afirma, que na Poetica explicára quantas especies havia de Ridiculo, o que não achamos hoje nella.

(^o) Simplicio ás Categorias de Aristoteles cita da Poetica a definição dos Synonymos, que não existe hoje no dito Livro.

Cytharística, pois que no principio parece que promette tratar juntamente destas cousas. E he de crer, que escreveria tambem da Poezia dos Nomos, e da Sátyra, e concluiria talvez com a emenda dos costumes, que era o fim principal dos antigos na Poezia. Ainda a mesma parte, que nos resta hoje, ha conjecturas, que a não temos toda inteira (p).

O

(p) Jerardo João Vossio *de Natur. Poetic. c. v. p. 28. e 29.* crê, que esta parte, que hoje temos, está completa, e o quer provar pela bella ordem, e admiravel encadeamento, que se acha nella desde o principio até o fim. Porém outros Criticos suspeição justamente o contrario, como são Pedro Viçario nos *Commentarios á Poet.* e ao cap. vii. do Livro viii. dos *Políticos*; o Author da *Bibliotheca Curiosi. Histor. Philolog.* e o Abbadé Vatry na *Resposta a huma Memoria, ou Dissertação, que vem no Tom. ix. da Histor. da Acad. Real das Inscrições.* e *Bell. letr. nas Memor. de Literat. p. 292.* He de crer, que Aristoteles trataria no fim deste primeiro Livro das duas ultimas partes da Tragedia, isto he, da *Molopéa*, e da *Decoração*, pois que dellas falla no principio.

O que pois nos ficou salvo da Poética he unicamente o que pertence á natureza da Poezia em geral , e em particular á Tragedia , e á Epopêa.

Com tudo esta Poetica assim mesmo truncada , e diminuta , como está , he a melhor couza , que temos da antiguidade , e o que tem servido de fundamento a quasi tudo , o que se tem escrito neste assumpto ; de maneira que se póde dizer com razão , que este fragmento tem sido a fonte , e origem das regras mais capitaes , e mais exactas , que expuzerão , e illustrarão depois os melhores mestres. Com effeito os Sabios a tem estimado em muito , porque dos antigos a estimou em tanto Horacio , grande Poeta , e Filosofo , e o mais judicioso Critico dos Romanos , que seguiu em

*Juizo dos
Sabios sobre a Poética.*

em quasi tudo as doutrinas, que se continhão nella; o que mostra bem, quão grande era seu preço, e merecimento.

Os modernos não a tem avaliado em menos; porque Antonio Lullo disse, que se havia alguma obra entre as muitas de Aristoteles, que merecesse a nossa estimação, e admiração, a Poetica a merecia com muita particularidade, porque ella mostrava a que alto ponto de Sabedoria se tinha elevado Aristoteles sobre os demais Filósofos. Vossio diz, que não ha cousa alguma tão excellente na antiguidade, e que os escriptores modernos, que tratarão do mesmo assumpto, adquirirão mais, ou menos reputação á proporção, que se chegarão; ou se desviarão mais deste modelo.

Oláo

O que pois nos ficou salvo da Poética he unicamente o que pertence á natureza da Poesia em geral , e em particular á Tragedia , e á Epopêa.

Com tudo esta Poetica assim mesmo truncada , e diminuta , como está , he a melhor cousa , que temos da antiguidade , e o que tem servido de fundamento a quasi tudo , o que se tem escrito neste assumpto ; de maneira que se póde dizer com razão , que este fragmento tem sido a fonte , e origem das regras mais capitães , e mais exactas , que expuzerão , e illustrarão depois os melhores mestres. Com effeito os Sabios a tem estimado em muito , porque dos antigos a estimou em tanto Horacio , grande Poeta , e Filosofo , e o mais judicioso Critico dos Romanos , que seguiu em

*Juizo dos
Sabios sobre a Poética.*

em quasi tudo as doutrinas, que se continhão nella; o que mostra bem, quão grande era seu preço, e merecimento.

Os modernos não a tem avaliado em menos; porque Antonio Lullo disse, que se havia alguma obra entre as muitas de Aristoteles, que merecesse a nossa estimação, e admiração, a Poetica a merecia com muita particularidade, porque ella mostrava a que alto ponto de Sabedoria se tinha elevado Aristoteles sobre os demais Filosophos. Vossio diz, que não ha cousa alguma tão excellente na antiguidade, e que os escriptores modernos, que tratarão do mesmo assumpto, adquirirão mais, ou menos reputação á proporção, que se chegárão; ou se desviárão mais deste modelo.

Oláo

Oláo Borriquio não duvidou dizer, que no commum sentir de muitos Sabios este célebre Filosofo se excedêra a si mesmo na Poetica; e que se nas outras obras apparecia huma admiravel grandeza, e magnificencia, nesta parecia que havia alguma cousa de divino: que com effeito tinham elles razão de julgar assim; porque Aristoteles de tal maneira examinára, e profundára o seu assumpto, que nada se podia inventar nem mais subtil, nem mais solido do que aquillo, que nos deixou. O Bibliografo Alemão chama a este resto da Poetica hum fragmento todo de ouro; e accrescenta, que o que nelle se achava da Tragedia, era certamente incomparavel; e que difficulosamente se acharia

cou-

coufa de melhor gosto entre os antigos.

Alongariamos demaziadamente este discurso, se quizessemos referir todos os elogios, que tem feito a esta immortal obra de Aristoteles outros Criticos da primeira ordem. Bastará por todos o de Rapin, que soube pezar o seu merecimento, porque disse que ella era a mesma natureza posta em methodo, e a boa razão reduzida a principios.

Na verdade não são excessivos estes elogios, com que os Sabios tem honrado esta obra de Aristoteles; porque se a examinarmos exactamente, acharemos, que ella he admiravel pela materia, pelo systema, pelo methodo, e pelo estilo.

Pela materia; porque ainda que

C

nec-

*Merecimento da Poetica.**Pela Materia.*

nesta obra se não ache hoje quanto Aristoteles tinha escrito, e quanto nós podíamos desejar, todavia contém ella as cousas mais capitaes, que se podião dizer sobre a Poezia em geral, e em particular sobre as duas maiores obras do entendimento humano, quaes são a Tragedia, e a Epopêa. Porque primeiramente aqui se achão as noções geraes, e necessarias sobre a natureza da Poezia, e das suas especies particulares; sobre as differenças de cada huma dellas, a respeito dos instrumentos, dos objectos, e da maneira das suas imitações; e finalmente sobre a origem, e progressos da Poezia em geral, e das suas principaes especies em particular. Depois passa Aristoteles a tratar das cousas mais essenciaes, que ha na Tra-
ge-

gédia ; e na Epopêa ; e começando pela Tragedia , fixa a sua natureza , descreve as suas partes , e distingue a Fabula , os Costumes , a Sentença , a Dicção , a Melopêa , e a Decoração.

E pelo que respeita á primeira parte , que he a Fabula , entra a tratar das partes , que constituem a sua Fôrma , e Qualidade ; e principia fallando da sua justa Grandeza , e Extensão , e da sua Unidade , da Verosmelhança , e do Maravilhoso , que nella deve haver. Falla depois dos dous generos de Fabula , Simples , e Implexa ; e explica quaes seião os Incidentes , de que deve nascer huma , e outra. Expõem as tres cousas , que pôde ter a Fabula , quaes são a Agnição , e a Peripecia , que fazem a Fabula Im-

plexa , e a Perturbação , que a faz Pathetica.

Tendo tratado das partes , que constituem a fôrma , e qualidade da Fabula , passa a tratar das partes de Quantidade , em que se divide a Tragedia , como são o Prologo , o Epi-fódio , o Exodo , e o Chorico. Depois disto entra no exame dos Caracteres , que deve haver na Tragedia , e descobre as fontes , donde deve nascer o terror , e a compaixão ; e mostra quaes são as Acções , e Acontecimentos , que podem excitar estas paixões , entre quaes pessoas , e por quantos modos podem acontecer estas cousas , e qual escolha se deve fazer nisto ; e he esta a parte , em que o Filosofo mostra maior profundidade de idéas.

Passa depois á segunda parte da Tragedia, que são os costumes, e declara as condições que devem ter, a saber, a Bondade, a Conveniencia, a Semelhança, e a Igualdade; e como dos Costumes nascem as Acções, e do encadeamento destas a Agnição, que he o movel das revoluções da Tragedia, expõem logo as diferentes especies de Agnição, e mostra qual seja a mais perfeita.

Tendo assim mostrado a Theoria da Arte, pelo que respeita á constituição da Fabula, e aos Costumes, desce a tratar da Pratica, e ensin^a aos Poetas hum excellente methodo de formar o plano de huma Tragedia; methodo, que realmente concorre muito para a regularidade da Fabula, e vivacidade do estilo.

Por

XXXVIII INTRODUÇÃO.

Por ultimo , antes de passar ás outras partes da Tragedia , falla do Nexo , e Solução da Fabula , e declara a natureza de cada huma destas cousas , e de que modo se fórmao ellas ; e por fim conclue com a doutrina sobre as obrigações do Coro , que faz as vezes de hum Actor na Tragedia.

Depois de tudo isto entra elle na terceira , e quarta parte da Tragedia , que he a Sentença , e a Dicção. Pelo que respeita á Sentença , declara em summa o que ella he , remettendo-se para os Livros Rhetoricos , em que se trata della mais amplamente. Quanto á dicção , expõem os primeiros principios , e elementos da Grammatica , a fim de que o Poeta saiba formar a sua dicção mais po-

polida, mais doce, e harmoniosa. Distingue oito partes na Oração, a Letra, a Syllaba, a Conjunção, o Nome, o Verbo, o Artigo, o Caso, e a Oração; e define exactamente cada huma dellas. Depois passa a explicar todas as qualidades, e differenças dos Nomes, mostrando quaes são os Simples, quaes os compostos, quantas as especies de Metaphora, e outras cousas mais; e por fim trata da Clareza, e Nobreza da Dicção, e do seu Ornamento, e Decóro.

Depois de ter estabelecido as regras principaes sobre as quatro primeiras partes da Tragedia, as applica á Epopêa, mostrando como a Fabula deve ser Dramatica, e se ha de comprehender em huma só Acção, como a Epopêa differe da Historia,

como ha nella as diversas especies, e as mesmas partes da Tragedia, que aquella não differe desta, senão pela sua extensão, e pela fórma dos seus versos; e depois de outras cousas, compara entre si estes dous poemas, e dá á Tragedia a preferencia, por ter ella por si a evidencia da Acção, e produzir melhor o seu effeito com mais unidade, e menos extensão. Restava tratar da quinta, e sexta parte da Tragedia, que era a Melopêa, e a Decoração; porém ou se perdêrão estes lugares, ou Aristoteles deixou de fallar destas cousas, visto que a Tragedia podia subsistir sem ellas, e a Decoração pertencia mais á arte dos que fazião as Scenas, do que ao Poeta.

*Pelo Sys-
tema.*

Quanto ao Systema com que tra-
ta

ta estas cousas, he elle maravilhoso, porque o seu plano he o mais Simples, o mais fecundo, e o mais exacto, que podia ser. Primeiramente he Simples, por quanto são poucos, e Simpleses os seus principios, pois que reduz cada materia que trata, por mais complicada que pareça, a hum pequeno número de pensamentos directos, e capitaes, que nascem do mesmo fundo da materia, e vai sempre subordinando as verdades secundarias a huma, ou duas verdades primitivas, e principaes; de maneira, que o nosso entendimento percebe logo as consequencias, e o principio como hum todo regular, e perfeitamente unido em as suas partes.

Mas este plano assim Simples como he, he ao mesmo tempo o mais
fe-

fecundo, que se póde imaginar, porque comprehende em pouco espaço infinitas cousas, e cada huma das idéas, que nos offerece, contém em si principios de outras muitas, que dalli nascem; e he de admirar, que não sahindo já mais o Filosofo da esfera, que se propoz, multiplique, por assim dizer, as perspectivas, e corra hum Horizonte immenso.

He finalmente exacto, porque abraça o seu assumpto por toda a extensão, que póde ter, e o mede pelos seus verdadeiros limites. Aristoteles o vai sempre separando de tudo o que lhe póde ser estranho: rejeita as noções ou muito vagas, ou muito limitadas: fixa o verdadeiro sentido das cousas, que diz, e dos termos com que as explica. Usa de de-
fi-

finições claras , e adequadas , e de divisões faccis , e naturaes : serve-se sempre de argumentos solidos , e com elles prova cada huma das cousas , que affirma , quando assim he necessario ; e o que não illustra á clara luz , sempre o mostra em algum raio , com que fere vivamente as cousas.

Além disto tem hum methodo de *Pelo Me-*
thodo.
 doutrina , que logo dá bem a conhecer hum consumado Mestre. He verdade , que pelo commum não procede senão por inducção do exemplo para o preccito ; mas os exemplos , que elle propõem , e sobre que estabelece os seus principios , são sempre exemplos dos maiores Poetas , exemplos , que por serem formados sobre a natureza , tinham tido o applauso geral dos mais Sabios , e poli-

lidos de Athenas ; estavam constituidos modêlos do bom gosto , e tinhão já sido , pelo dizer assim , *affellados das Musas*. Assim os verdadeiros Fyficos ajuntão as experiencias , e fundão depois sobre ellas hum systema , que as reduz a principios.

Mas propondo estes exemplos , remonta logo aos verdadeiros principios da natureza , e dalli desce , e vai caminhando regularmente de verdade em verdade , e de consequencia em consequencia , deduzindo sempre com admiravel ordem as conclusões dos seus principios , e as doutrinas , que se seguem , das que lhe precedem.

Pelo estylo. Pelo que pertence á sua Dicção ; he ella muito pura , e muito cheia de propriedade : o seu estylo he grave ,

ve, e chega a ser austero, e sempre expressivo, e significativo; mas tão preſſo, e conciso, que nem huma só palavra escreve para ornamento, e dá sempre muito mais a pensar do que diz.

He verdade que por isso mesmo alguns lugares da Poetica são obscuros, e difficeis, porque a extrema brevidade, com que elle escreve, o faz algum tanto subtil, e difficil; pelo que pede hum Leitor muito attento, soffredor de trabalho, costumado mais ás cousas, do que ás palavras, e que pense ainda mais do que lê: mas tambem he certo, que outras cousas concorrem para esta obscuridade; porque primeiramente Aristoteles vio-se obrigado a dar algumas vezes a huma parte das suas

Sobre as causas da obscuridade de alguns lugares da Poetica.

XLVI INTRODUÇÃO.

expressões hum sentido novo, affastando-se da accepção commum.

Depois disto os exemplos, que elle cita para fundar, ou justificar os seus principios, são tirados de Poemas conhecidos, e vulgares no seu tempo, de que muito pouco nos resta hoje. Muitos destes exemplos referem-se ou a successos historicos, que nos são desconhecidos, ou a certos costumes passageiros da antiguidade, de que não temos idéas claras, de maneira que nos he impossivel depois de mais de dous mil annos perceber hoje toda a sua exacção perfeitamente.

Accrescentemos a isto, que muitas cousas não comprehendemos hoje bem, porque nos faltão os lugares, que se perdêrão, em que elle as exempli-

plicava mais claramente, como he por exemplo, o que pertence á Purgação das paixões, que he huma das cousas, que mais tem embaraçado os Interpretes. Não he loge de admirar se a Poetica em alguns lugares he difficil, e obscura.

Em quanto ás cousas, que se tratão nella, talvez desejaría alguém que Aristoteles descesse a tratar daquellas regras particulares, que os modernos multiplicarão depois infinitamente. Porém os seus principios são tão extensos, e fecundos, que absorvem a maior parte dessas regras miudas, que bastará conhecer talvez pelo sentimento natural, sendo que a sua theoria muitas vezes não faz mais, que constanger o genio, sem chegar já mais a esclarecello. Mui-
tas

Sobre outros defeitos, que se reprehendem na Poetica.

XLVIII INTRODUÇÃO.

tas outras, sendo meramente arbitrárias, e fundadas no gosto particular dos tempos, e das Nações, não podia o Filofofo fazer-se cargo dellas em hum Seculo, em que havia outras idéas. Se pelo contrario alguem achar, que elle deſce alguma vez a couſas vulgares, e triviaes, confidere os effeitos, para que eſtas couſas concorrem, e pela dignidade das conſeſquencias honre os principios.

Alguns ha que querem reprehender o Filofofo em alguns pontos de doutrina. Lembremo-nos porém, que os Gregos não diſcorrião em tudo ſobre a Poetica, como nós hoje diſcorremos. Nós os lemos pelo common com as preoccupações da noſſa educação, e queremos achar nos antigos as noſſas meſmas idéas; e
por-

porque as não achamos, dizemos que se não explicou bem, quando se não explicou ao nosso modo.

Com tudo devemos confessar, que algumas cousas ha, que se podem hoje aperfeiçoar: ha tambem outras, que pôdem ser corrigidas. Hum só homem creando huma nova Arte, que não havia, não a pôde logo aperfeiçoar em tudo. Assás fez Aristoteles em lançar os fundamentos della, e estabelecer os seus principios verdadeiros: poucos defeitos, que lhe escapárão no calor de huma obra tão sublime, desapparecem á vista das admiraveis reflexões que fez, e das immensas bellezas, que descubrio.

Eis-aqui pois qual he a Poetica de Aristoteles, Chefe de obra do Gosto, e da Filosofia; e por ser de

L INTRODUÇÃO.

tanto preço , e estimação , pareceo util a muitos Sabios das Nações estrangeiras promover , e facilitar a sua intelligencia por meio das Traducções , que fizerão della em diversas Linguas , e dos amplos , e eruditos Commentarios , com que illustrarão sua doutrina.

*Traducto-
res da
Poetica.*

Porque em quanto ás Traducções , só na Lingua latina a traduzirão Alexandre Paccio (^q), Francisco Robortello (^r), Antonio Riccoboni (^f), Pedro Victorio (^t), e Theodo-

(q) Vem junto com as Explanções Commuas de Vicente Madio , e de Bartholomeu Lombardo. Veneza 1550. em fol. delle se não lembra Fabricio, nem Baillet.

(r) Usou Robortello de tres Cod. Mss. e foi impressa a sua traducção em Florença em 1548. fol. e depois em Easilea em 1555. fol.

(f) A sua versão he a que vulgarmente se tem seguido nas edições Groeco-Latinas de Aristoteles, e na mesma ultima de Guilherme Duval no Tom. VI. Ha duas edições de Veneza, humna de 1579.

doro Goulston (^u). Em linguas vulgares a traduzirão outros, por quanto Luiz Castelvetro a traduzio em Italiano (^x), José Antonio Gonzales de Salas em Castelhaño (^y), Rimer em Inglez (^z), e André Dacier em Francez (^{aa}).

Pelo que respeita aos *Commentadores* forão ellés muitos; porque além dos mesmos Traductores Robertello, Victorio, Castelvetro, Riccoboni, Goulston, Gonzales, e Dacier, que acompanharão as suas Tradueções com notas, e *Commentarios*.

D ii rios,

em 8.^o e outra de 1584. em 4.^o ha huma de Padua em 1587. em 4.^o e outra de Paris em 1564.

(^t) Ha huma edição de Florença 1573. fol.

(^u) Londres 1623. em 4.^o outra em Cantabrigia 1696. em 8.^o

(^x) Ha huma edição de Basilea de 1576. em 4.^o e outra de Vienna de Austria em 1570.

(^y) Madrid em 1633. em 4.^o

(^z) Londres 1674. em 8.^o

(^{aa}) Paris 1692. em 4.^o

rios, outros muitos a illustrarão tambem, como forão Vicente Madio de Brixia, e Bartholomeu Lombardo de Verona nas suas Explanações Commuas, e o ultimo nas suas Proprias Anotações; Paulo Beni, Alexandre Piccolomini, João André Giglio, e Bartholomeu Botta nos seus Commentarios; Friderico Rappolti nas suas Observações, Gerardo João Voffio nos seus Livros das Instituições Poeticas, em que foi quasi hum puro Scholiastes de Aristoteles, Daniel Heinsio nas suas Notas, Francisco Patricio, Antonio Sebastião Minturmo, e M. Antonio Majoragio nos seus Livros sobre a Poetica, por não referir outros, que em varios lugares de suas obras explicarão com summa exactidão muitas passagens da Po-

Poetica. No que fizeram por certo hum grande serviço aos estudos da Poetia.

Pelo exemplo destes homens nos lembrou, que devia haver entre nós quem tomasse a mesma empreza; porque nos pareceo, que sería igualmente util á Mocidade Portugueza o ter ella traduzida, e illustrada na sua lingua a Poetica do Filofofo, de maneira que lhe fosse mais facil, e corrente a leitura della, maiormente em hum tempo, em que se cuida por extremo em cultivar estes estudos.

Em quanto porém algum esclarecido Mestre da Nação não toma a si este trabalho, e nos não dá huma traducção exacta, e perfeita de tão bella obra, poderá servir de alguma cousa, a que presentemente se offe-

re-

rece ao público, Houve grande cuidado em a fazer fiel, e expressiva, quanto podia consentir hum original tão difficil, como he este de Aristoteles, e quanto podia caber em huma lingua, que se bem não he das mais pobres, e menos energicas, todavia não tem nem a força, nem a concisão da Grega. Seguir-se-ha com brevidade hum Commentario trabalhado sobre as observações dos melhores Interpretes, e Expositores desta obra de Aristoteles, em que se illustrará o texto com o que pertencer á Critica, á Historia, á Filosofia, e á Poetica, e se dará conta da traducção de alguns lugares desta obra, em que possa haver algum escrupulo, ou novidade.

Praza a Deos, que este trabalho

INTRODUÇÃO. LV

venha a ser util á Mocidade , e que
ella aprenda do mais Sabio dos Mef-
tres da Poetica huma Arte , que en-
fina a cantar em *son alto* , e *sublimi-*
do tudo o que corrige o vicio , tudo
o que honra a virtude , a Religião ,
e os homens , por quanto he este o
fim da Poczia.





A P O E T I C A

DE

ARISTOTELES.

C A P I T U L O I.

Das tres Diferenças das Artes em geral, e em particular da primeira Diferença, que consiste na diversidade dos Instrumentos, com que fazem a sua imitação.

I.



A LLEMOS da Poezia em Exposição do assumpto. geral, e das suas Especies: da efficacia, que tem cada huma dellas: da Constituição, que se deve dar ás Fabulas para se fazer hum bom

bom Poema : das suas partes de Quantidade, e de Qualidade: e finalmente de tudo quanto pertence a esta doutrina, começando, segundo a natureza, pelas cousas, que são em si primeiras.

II.

Todas as Artes são Imitações.

A Epopêa pois, a Tragedia, a Comedia, a Poezia Dithyrambica, e a maior parte da Auletica, e da Cytharistica todas são geralmente Imitações.

III.

Tres Diferenças das Artes.

I. nas cousas, com que imitação.

II. nas cousas, que imitação.

III. no modo, com que imitação.

Da pri-

Differem porém humas das outras em tres cousas, ou em imitar por meio de cousas de diverso genero, ou em imitar diversas cousas, ou em imitar diversamente, e não do mesmo modo.

IV.

Porque assim como alguns imitação
mui-

muitas cousas, exprimindo-as com cores, e figuras, e outros com a voz, aquelles por arte, e estes por costume: assim tambem as sobreditas Artes todas na verdade fazem a sua imitação com o Rhythmico, com a Oração, e com a Harmonia. E estas cousas ou separadas, ou juntas.

meira Diferença, ou da diversidade dos instrumentos, com que imitão.

V.

Por exemplo da Harmonia, e do Rhythmico sómente usão a Auletica, e a Cytharistica, e quaesquer outras, que tenham a mesma natureza, como a Syringica.

Instrumentos da Auletica, da Cytharistica, da Syringica, &c.

VI.

Com o Rhythmico sem Harmonia imitão os Professores da Orchestica, porque tambem estes com Rhythmos figurados imitão os costumes, affectos, e acções.

Instrumentos da Orchestica.

VII.

VII.

Instrumentos da Epopêa.

Porém a Epopêa imita com a só simples prosa, ou com metros; e isto ou misturando metros entre si diversos, ou servindo-se de hum só genero de metro, como até agora se praticou.

VIII.

Digressão sobre a palavra Epopêa.

Ampliamos tanto a significação desta palavra Epopêa, porque de outra forte não teriamos termo common, que dar aos Mimos de Sophron, e de Xenarcho; nem aos Dialogos Socraticos, e a quaesquer outras imitações, que alguem fizesse em Versos Trimetros, Elegiacos, ou outros semelhantes.

IX.

E sobre o abuso dos que denominão os

Porém os homens ajuntando o nome de Poezia ao daquelle genero de Versos, chamão aos que os fazem, a huns.

a huns Poetas Elegiacos , a outros Epicos , nomeando-os assim não pela imitação , mas geralmente em razão do metro. Poetas unicamente em razão do metro.

X.

De maneira que costumão dar este nome ainda aquelles , que compõem em Verso alguma obra pertencente á Medicina , ou á Musica. Mas por certo , que entre Homero , e Empedocles nada ha que seja commum , senão o Verso. Por tanto deve aquelle ser chamado Poeta , e este mais Fyfico , do que Poeta.

XI.

Pela mesma razão se alguem não usar de imitação , ainda que misture Versos de todos os generos , como fez Cheremon no seu Centauro , que he huma Rapsodia tecida de toda a casta de Versos , nem por isso se deve chamar Poeta. Fiquem pois estas cousas assim determinadas.

XII.

XII.

*Instrumen-
tos da Di-
thyrambi-
ca, dos
Nomos,
da Trage-
dia, e da
Comedia.*

Ha tambem algumas Poezias, que usão de todos os meios sobreditos, quero dizer, do Rhythmo, da Harmonia, e do Metro, como a Poezia dos Dithyrambos, a dos Nomos, a Tragedia, e a Comedia.

XIII.

Differem porém entre si em que humas usão de todos estes meios ao mesmo tempo, e outras usão dëlles separadamente.

XIV.

Estas pois entendo pelas differenças das Artes naquellas cousas, com que fazem a sua imitação.

CAPITULO II.

*Da segunda Diferença das Artes , ou
dos diversos objectos da sua
imitação.*

I.

MAs como os que imitam , imi- Tres di-
versos ob-
jectos da
imitação.
tão homens , que fazem alguma I. Os ho-
mens me-
lhores.
acção , e estes hão de ser necessaria- II. Os ho-
mens se-
melhantes.
mente ou bons , ou máos , porque os III. Os he-
mens peio-
res.
costumes só se achão nestes dous ge-
neros de pessoas , (pois que em quan-
to aos costumes todos se distinguem
ou pelo vicio , ou pela virtude ;) se-
gue-se necessariamente , que elles hão
de imitar os homens ou melhores do
que são , ou semelhantes , ou peio-
res : da mesma sorte que os Pintores ; Verifica-se
esta dou-
trina na
Pintura.
porque Polygnoto representava os ho-
mens melhores , Pauson peiores , e
Dionysio semelhantes.

II.

II.

Ora he claro , que cada huma das referidas imitações ha de ter estas mesmas differenças , e que cada huma dellas varia em imitar cousas diversas desta maneira.

III.

Na Orchestica, na Auletica, e na Cytharistica. Porque tanto na Orchestica , como na Auletica , e na Cytharistica póde haver esta variedade.

IV.

Na Epopêa. E tambem nas Orações , e no puro metro. Assim Homero imitou homens melhores , Cleofon semelhantes ; e Hegemon de Thafos , o primeiro que escreveu Parodias , e Nicoclaris Author da Deliada , imitáram homems peiores.

V.

Nos Di- Semelhantemente a respeito dos Di-

Dithyrambos, e dos Nomos; assim thyrambos,
 Timotheo, e Filoxeno imitarão os e nos No-
 Persas, e os Cyclopes. mos.

VI.

Nesta mesma diversidade de imi- Na Tra-
 tação se distingue a Tragedia da Co- gedia, e
 media; porque esta procura imitar os na Com-
 homens peiores, e aquella melhores, edia.
 do que elles são ordinariamente.

C A P I T U L O III.

*Da terceira Diferença das Artes, ou
 da diversa maneira, porque fazem
 a sua Imitação; e da pertença
 dos Doricos sobre a inven-
 ção da Tragedia, e
 da Comedia.*

I.

A Lém d'isto ha nestas cousas ter- Duas ma-
 ceira differença, a saber, no neiras di-
 modo, com que algum póde imitar versus de
imitar.

E

ca-

cada huma dellas. Por quanto podemos com as mesmas cousas imitar os mesmos objectos ; humas vezes narrando , ou seja tomando a pessoa de outro , como faz Homero ; ou seja na nossa propria pessoa , e sem mudar já mais : outras vezes introduzindo todas as pessoas imitadas , como obrando , e fazendo alguma cousa.

A primeira consiste na pura narraçõ.

A segunda consiste toda na acçõ.

II.

Conclusão de toda a doutrina sobre as tres differenças das Artes.

Illustra-se com os exemplos de Sophocles , de Homero , e de Aristophanes.

Consiste pois a imitação nestas tres differenças , como ao principio dissemos , a saber : com que cousas se imita , que cousas , e de que maneira ; de sorte que em hum sentido a imitação de Sophocles he a mesma , que a de Homero , porque ambos imitão homens bons ; e em outro sentido he a mesma , que a de Aristophanes , pois que ambos imitão homens , que tratão , e fazem alguma cousa. Donde vem o dizerem alguns , que estas composições se chamão

DE ARISTOTELES. II

mão *Dramas*, porque imitão pessoas; que fazem alguma cousa.

III.

Por esta razão se fazem os Doricos inventores da Tragedia, e da Comedia; e a Comedia querem para si os Megarenfes tanto os deste paiz, que pertendem que ella fora inventada, quando entre elles se estabeleceo a Democracia, como os da Sicilia, porque de lá era o Poeta Epicharmo, que foi muito anterior a Chonnidas, e a Magnete.

Digressão sobre a pertencão dos Doricos contra os Athenienses a respeito da invenção da Tragedia, e da Comedia.

IV.

E da Tragedia se fazem inventores alguns dos Doricos, que habitão no Poloponezo, dando por prova o mesmo nome. Porque elles dizem, que na sua linguagem se chamão *Kóιναι* as aldêas, a que os Athenienses chamao *δήμοι*; e que os comediantes não derivão seu nome da

E ii

pa-

palavra *Κωμάζειν*, isto he, *andar em comezanas*, mas de *Κώμας*, isto he, *andar vagando pelas aldeas*, por serem desprezados nas Cidades. E dizem tambem, que elles chamão ao *fazer*, ou *obrar* alguma cousa *ἔργον*, e os Athenienses *Πράσσειν*. Demos pois por explicado, quantas, e quaes sejam as differenças da imitação.

C A P I T U L O IV.

Da origem da Poezia; e das diversas, e particulares fórmas que tomou.

I.

Duas causas da origem da Poezia. **P**Arece que a Poezia traz inteiramente a sua origem de duas causas, ambas naturaes.

II.

I. A Imitação natural ao homem. Porque a imitação he natural ao homem desde a infancia, e nisto differ-

fere dos outros animaes , pois que elle he o mais imitador de todos , aprende as primeiras cousas por meio da imitação , e todos se delectão com as imitações.

III.

He prova disto o que acontece a respeito dos Artifices ; porque nós contemplamos com prazer as imagens mais exactas daquelles mesmos objectos , para que olhamos com repugnancia ; por exemplo , a representação de animaes ferocissimos , e de cadaveres.

IV.

E a razão disto he , porque o aprender he cousa , que muito apraz não só aos Filozofos , mas tambem igualmente aos demais homens , posto que estes sejam menos instruidos. Por isso se alegraõ de ver as imagens , pois que olhando para ellas , podem apren-

aprender, e discorrer o que cada huma dellas he, e dizer por exemplo: isto he tal; porque se succeder que alguém não tenha visto o original, não recebe então prazer da imitação, mas ou da belleza da obra, ou das cores, ou de outro algum motivo semelhante.

V.

ii. Sendo pois propria da nossa natureza a imitação, tambem o he a Harmonia, e o Rythmo, (porque he claro, que os Metros são parte do Rythmo).

A Harmonia, e o Rythmo natural ao homem.

VI.

Os que ao principio se sentirão com maior inclinação natural para estas cousas, adiantando-se pouco a pouco, dêrão origem á Poezia com obras feitas de improviso.

VII.

VII.

Ora a Poezia tomou diversas fórmas, segundo o differente natural de cada hum ; porque os homens, que têm mais gravidade, e elevação, imitavão as acções boas, e a fortuna dos bons; e os que crão de genio mais humilde, imitavão as acções dos máos, escrevendo ao principio vituperios, assim como os outros compunhão hymnos, e louvores.

Das diversas fórmas da Poezia.

I.

Origem da Poezia Heroica, e da Jambica, ou Satyrica.

VIII.

Não podemos na verdade citar poema deste genero de algum dos que vivêrão antes de Homero ; mas he provavel que nesse tempo existissem muitos Poetas. Começando desde Homero, temos exemplos, qual he o Margites do mesmo Homero, e outros semelhantes, nos quaes usáramos também o metro Jambo, como o mais accommodado ; e por isso ainda

da hoje se lhe dá o nome de Jambo, porque nesta especie de metros dizem injúrias huns aos outros.

IX.

II.
*Origem da
Comedia,
e da Tra-
gedia.*

Dos antigos pois huns foram Poetas Heroicos, e outros Jambicos. E assim como Homero foi principalmente Poeta no genero sério, e he o unico não só porque compoz bem, mas porque fez imitações Dramaticas; assim tambem foi o primeiro, que deo alguma idéa da fórma da Comedia, reduzindo a Drama não os vitoriosos, mas o ridiculo, por quanto o Margites tem a mesma analogia com a Comedia, que tem a Iliada, e a Odysséa com a Tragedia.

X.

Porém outros inclinando-se a hum destes dous generos de Poczia. segundo o seu genio particular, huns em lugar de escreverem Jambos, escrevê-
rão

rão Comedias ; e outros em lugar dos Hexametros , compuzerão Tragedias , por serem estas especies de Poezia mais excellentes , e mais estimadas do que aquellas. Ora , examinar se com effeito a Tragedia está presentemente perfeita na sua fórma , considerando-a em si mesma , e pelo que respeita ao theatro , he questão alheia deste lugar.

XI.

Sendo pois a Tragedia , e a *Augmẽto da Tragedia, e da Comedia.* Comedia ao principio obras toscas , e informes , aquella dos que cantavão os Dithyrambos , e esta dos Authores dos Versos Phallicos , que ainda hoje as leis conservão em muitas Cidades , pouco a pouco se forão augmentando , accrescentando-se a cada huma dellas o que se hia descobrindo nesta materia.

XII.

XII.

Da Tragedia em particular.

Adições, que lhe fizeram Eschylo, e Sophocles.

Mudança na Fabula, e na dicção.

E a Tragedia, depois de soffrer muitas mudanças, parou finalmente assim que teve tudo o que era proprio da sua natureza. Eschylo foi o primeiro, que em lugar de hum introduzio dous representantes, que diminuiu o coro, e inventou huma falla para o principal Actór. Sophocles introduzio tres representantes, e a decoração da Scena.

Além disto a Tragedia tarde recebeu sua grandeza, e magestade; depondo as pequenas fabulas, e a dicção burlesca, que lhe tinha vindo do Satyrico, de que sahira.

XIII.

Mudança na qualidade do metro.

O metro tambem passou de Tetrametro a Jambo, porque ao principio usárão do Tetrametro, por ser Poezia Satyrica, e mais propria para a Dança. Porém introduzindo-se o ef-

o estylo proprio, a mesma natureza achou o metro, que lhe era accomodado, por quanto o Jambo he de todos os metros o mais proprio para a conversação; o que se mostra bem, porque quando fallamos huns com os outros, dizemos quasi tudo em Jambos, e raras vezes em Hexametros, porque então sahimos fóra da harmonia natural da conversação.

XIV.

Dizem finalmente que á Tragedia se forão accrescentando pouco a pouco o número dos Epizodios, e os outros ornamentos.

XV.

Baste pois o que temos dito sobre estas cousas, porque sería talvez de muito trabalho o discorrer sobre cada huma dellas em particular.

XVI.

XVI.

Da Comedia em particular.

A Comedia , como já dissemos , he huma imitação dos peiores homens , não em todos os seus vícios , mas no ridiculo , que he huma parte do torpe ; pois que o ridiculo he huma especie de defeito , e de torpeza sem dor , e que não destroe a quem a tem , por exemplo , sem ir mais longe , huma cara ridicula he huma cousa torpe , e disforme , sem dor , e que não passa á destruição do homem.

XVII.

Causa, por que forão tardios os progressos da Comedia.

Ora nós sabemos quaes forão os varios progressos da Tragedia , e quaes forão os seus Authores ; mas não assim a respeito da Comedia , por se cuidar ao principio pouco nella : pois que só passado muito tempo , he que o Magistrado deu ~~coro~~ as Comedias. Mas entravão nelle sómente

os que querião. Só depois que teve a Comedia alguma fórma, he que achámos memoria dos que se dizem ser authores della.

XVIII.

Mas não se sabe quem deo á Comedia as Mascaras, os Prologos, o número dos Actores, e outras cousas semelhantes. He certo que Epicharmo, e Phormo principiárão a compôr Fabulas. Pelo que isto veio primeiramente da Sicilia. Dos Athenienses foi Crates o primeiro, que começou a formar inteiramente conversações, ou Fabulas, deixando a Poezia Jambica.

Quaes os primeiros Poetas, que a fôrão aperfeizonando.

XIX.

A Epopêa convém com a Tragedia sómente em ser huma imitação de homens bons em linguagem metrica; differença porém em constar do só simples metro, e em ser huma nar-

Da Epopêa em particular. Em que convém, e em que differença.

ra-

*Épopêa ,
e a Tra-
gedia.* razão ; e tambem na extensão , por-
que a Tragedia procura , o mais que
he possível , caber dentro de hum pe-
riodo do Sol , ou exceedello pouco ;
porém a Épopêa não tem tempo de-
terminado , e nisto tem differença ,
posto que ao principio praticassem
esta liberdade igualmente nas Tra-
gedias , e nos Poemas Epicos. Em
quanto ás Partes , algumas são as mes-
mas na Tragedia , e na Épopêa ; ou-
tras são só proprias da Tragedia.

XX.

*O que jul-
gar bem
de huma
Tragedia,
julgará
bem do
Poema
Epico.* Pelo que todo o que he capaz
de julgar se huma Tragedia he boa ,
ou má , tambem he capaz de formar
juizo sobre hum Poema Epico , por-
que a Tragedia tem todas as cousas ,
que ha na Épopêa ; porém nesta nem
por isso se acha tudo , o que ha na
Tragedia.

CAPITULO V.

*Da Tragedia em particular, e das
suas Partes.*

I.

DA imitação, que se faz por Hexametros, e da Comedia trataremos depois: fallemos agora da Tragedia, deduzindo a sua verdadeira definição do que temos dito.

II.

He pois a Tragedia a imitação Definição da Tragedia. de huma acção grave, e inteira, de justa grandeza, em hum estilo suave, mas de varias especies, de que se serve separadamente nos seus lugares, a qual não por meio da narração, mas sim pela compaixão, e terror, consegue o expurgar-nos de semelhantes paixões.

III.

III.

Explicação de alguns termos da Definição.

Chamo estilo suave ao que tem Rythmo, Harmonia, e Melodia. Chamo servir-se separadamente de cada huma das especies ao executar algumas cousas sómente pelo Metro, e outras pela Melodia.

IV.

Das seis Partes da Tragedia.

Como esta imitação he executada por homens, que obrão alguma acção, primeiramente o Apparato da Scena ha de ser necessariamente huma das partes da Tragedia; e depois a Melopêa, e a Dicção, porque a imitação se faz com estas cousas. Chamo Dicção á mesma composição dos metros, e Melopêa áquella, cuja força a todos he manifesta.

V.

E como ella he imitação de huma acção, e se executa por alguns agen-

agentes , que necessariamente recebem o seu caracter dos costumes , e dos sentimentos , pois que por estes principios he que conhecemos a qualidade das acções , vem por consequencia a serem duas as causas das acções , a saber , a Sentença , e os Costumes ; e por estas conseguem todos a felicidade , ou a desgraça.

VI.

Ora a Fabula he a imitação da acção. Chamo aqui Fabula á composição das cousas ; Costumes aquillo , por onde conhecemos qual seja o caracter dos agentes ; e Sentença a todas aquellas expressões , com que elles descobrem alguma cousa , ou manifestão qual he seu animo.

VII.

He logo necessario que as Partes de qualquer Tragedia sejam seis , que constituem a sua Qualidade. Estas

F

são :

são: a Fabula, os Costumes, a Dicção, a Sentença, o Apparato, e a Melopêa. De sorte que os instrumentos, com que se imita, são dous; o modo, por que se imita, he hum só; e as cousas que se imitão, são tres; e além destas Partes não ha mais alguma. He certo pois que a maior parte dos Poetas, para o dizer assim, usa destas fórmãs, porque tudo igualmente tem Apparato, e Costumes, e Fabula, e Dicção, e Melopêa, e Sentença.

VIII.

I.
Da Fabu-
la.

Porém o mais importante de tudo isto he a composição das cousas; porque a Tragedia he huma imitação não de homens, mas das suas acções, e da sua vida, e da sua felicidade, ou desgraça. Por quanto a felicidade consiste na acção; e o fim, que os homens se propõem, he sempre huma acção, e não huma qualida-

dade. Quaes sejam os homens, conhece-se pelos costumes; se são felices, ou infelices pelas acções.

IX.

Elles pois não obrão na Tragedia para imitar os Costumes, mas com as acções envolvem os Costumes juntamente de maneira, que as acções, e a Fabula são o fim da Tragedia, e o fim he o mais importante de tudo; porque sem acção não poderia haver Tragedia, mas podellahia haver sem costumes; pois que as Tragedias da maior parte dos Modernos não tem costumes, e em geral ha muitos Poetas deste genero: assim como tambem entre os Pintores he Zeuxis a respeito de Polygnoto, porque Polygnoto foi hum excellente pintor de Costumes, e Zeuxis não tem costumes alguns.

X.

Além disto, se alguém ordenar algumas fallas, em que se expressem os Costumes, e Dicções, e Sentenças bem executadas, nem por isso será feito, o que he proprio da Tragedia, antes muito melhor o fará aquella Tragedia, que destas cousas usar mais parcamente, mas tiver Fabula, e constituição das acções.

XI.

Ajuntemos a isto, que as principaes cousas, com que a Tragedia deleita os animos, isto he, as Peripecias, e Agnições, são partes da Fabula.

XII.

O mesmo finalmente se prova de que os que empreendem fazer Tragedias, conseguem mais facilmente a perfeição na Dicção; e nos costumes,
do

do que na constituição das acções, como se vê em quasi todos os Poetas antigos.

XIII.

He pois a Fabula o principio, e como a alma da Tragedia, e depois della os costumes, e tambem nisto he semelhante á Pintura; pois que se alguem pintar com as mais formosas cores, porém misturadas, e confusas, não ha de delectar tanto, como se debuxasse simplesmente huma figura. He pois a Tragedia a imitação de huma acção, e por isso mesmo deve imitar principalmentê os que obrão.

XIV.

Os costumes são aquillo, porque se manifesta qual seja a nossa inclinação, e resolução. Pelo que não tem ~~costumes~~ algumas orações, nas quaes se não reconhece, se o que falla se inclina, ou se desvia.

II.
Dos Costumes.

XV.

XV.

III.
Da Sen-
tença.

A Sentença tem o terceiro lugar; esta he a faculdade de dizer as cousas, que ha no sujeito, e as que lhe convém; isto nas Orações pertence á Politica, e á Rhetorica. Os antigos ensinavão a fallar simplesmente, e sem artificio; e os modernos ensinão a fallar rhetoricamente. A Sentença tem lugar, quando mostramos como alguma cousa he, ou não he, ou de qualquer modo a declaramos.

XVI.

IV.
Da Dic-
ção.

Em quarto lugar he a Dicção das palavras. Digo pois, como já fica exposto, que a Dicção he huma interpretação do animo por palavras, a qual tem a mesma força nos metros, e na prosa.

XVII.

V.
Da Melo-
pêa.

A Melopêa he a quinta Par-
te,

te, e a mais suave de todas as demais.

XVIII.

Finalmente o Apparato he de grande deleite para o animo, mas he o de menos artificio, e o menos proprio da Poetica; porque a força da Tragedia subsiste ainda sem representação theatral, e sem Actores. Além de que a disposição deste Apparato pertence mais á Arte dos que fazem as Scenas, do que á dos Poetas.

vi.
Da Decoração.

CAPITULO VI.

La justa Grandeza da Fabula.

I.

Explicadas pois estas cousas, fe-
zue-se dizermos, qual seja a
Construção da Fabula, pois que es-
ta he a primeira, e principal parte
da Tragedia.

II.

II.

*Definição
de hum
Todo in-
teiro, e
perfeito.*

Já estabelecemos como certo, que a Tragedia he a imitação de huma acção perfeita, e que constitue hum todo, o qual tem certa grandeza; porque pôde haver hum todo, que não tenha a grandeza devida. *Todo*, he aquillo, que tem *Principio*, *Meio*, e *Fim*. O *Principio*, he aquillo, que não tem necessariamente outra cousa antes de si, e que depois de si tem, ou deve ter alguma cousa. *Fim*, pelo contrario he aquillo, que ou por necessidade, ou por costume, deve ter alguma cousa antes de si, e que depois de si nada tem. *Meio*, he o que está depois de alguma cousa, e tem outra depois de si. Ora he necessario que as Fabulas bem compo-
tas nem comecem, nem acabem onde succeder, mas que usem das déas referidas.

III.

III.

Além disto o bello, (ou seja animal, ou outra qualquer cousa) sendo composto de algumas partes, não só deve ter estas por boa ordem, mas também deve ter huma certa grandeza não arbitraria; por quanto o bello consiste na grandeza, e na ordem, e por isso nem sería bello hum animal muito pequeno; porque a vista, quando se olha para alguma cousa por tempo imperceptivel, quasi se confunde; nem também muito grande, porque então não se vê ao mesmo tempo, antes aquelle todo, e a unidade do ponto de vista escapa aos espectadores, como se houvesse hum animal do comprimento de dez mil estadios. Pelo que assim como tanto nos corpos, como nos animaes, deve haver grandeza, e esta deve ser capaz de se comprehender bem com a vista; assim também as Fabulas devem

ter

*Em que
consiste a
belleza das
cousas,
que consi-
ste de par-
tes.*

ter extensão , e esta ha de ser facil de comprehender com a memoria.

IV.

Qual deva ser a extensão dos assumptos das obras Dramaticas, e a duração da sua representação.

Ora o determinar a extensão das Tragedias, pelo que respeita aos espectaculos, e á medida certa do tempo, não pertence á Arte; porque se houvessem de recitar-se com Tragedias nos Certames públicos, deveria medir-se o tempo por huma empulheta, como dizem que se fazia antigamente.

Porém em quanto ao termo, que convém á natureza da Tragedia, he certo que a que for maior (com tanto que se podia comprehender claramente toda junta) será tambem a mais bella pelo que respeita á grandeza.

V.

Regra geral sobre a justa gran-

Definiremos isto mesmo com huma regra simples; aquella extensão, em

em que he provavel, ou necessario, ^{deza da} que acontecendo as cousas pela sua ^{Tragedia.} ordem, se passe da desgraça para a fortuna, ou da fortuna para a desgraça, he o termo proprio da grandeza da Tragedia.

CAPITULO VII.

Da unidade da Fabula.

I.

A Fabula pois he huma, mas não ^{Não con.} he, como alguns julgão, por ^{fizse na} versar a respeito de huma só pessoa; ^{unidade da} porque ha muitos acontecimentos de ^{pessoa.} infinitos generos, de alguns dos quaes se não póde formar hum, que tenha unidade. Da mesma sorte ha tambem muitas acções de huma só pessoa, das quaes não resulta acção alguma, que tenha unidade.

II.

II.

Pelo que me parece que errarão todos os Poetas, que compuzerão a Theseida, a Heracleada, e outros Poemas semelhantes, por entenderem que como Hercules era hum só, todas as suas acções havião de constituir huma só.

III.

*Mas na
unidade da
Acção.*

Porém Homero assim como se distingue em tudo o mais, assim também parece que vio bem isto, ou fosse por arte, ou por natureza. Porque compondo a Odysssea, não metteo nella todas quantas cousas acontecerão a Ulysses, (por exemplo, a ser ferido no Parnasso, e o fingir-se doudo no ajuntamento dos Gregos). Porque de ter acontecido huma destas cousas, não se seguia necessaria, nem provavelmente, a de a outra houvesse de acontecer; mas sómente es-

cre-

creveo aquellas cousas, que pertencêrão a huma só acção, a que chamamos Odyssca. O mesmo observou na Iliada.

IV.

He pois necessario, que assim como nas outras Artes Imitadoras a imitação he de huma só cousa, assim Como se consegue a unidade da Acção. tambem a Fabula; pois que ella he imitação de acção, o seja de huma só acção, e de huma acção inteira; e que as suas partes estejão constituidas de tal maneira, que se humá dellas se mudar para outro lugar, ou se se tirar, fique o todo tambem mudado, pois que aquillo que se tira, ou se accrescenta, sem alterar o todo, não póde ser parte delle.

CAPITULO VIII.

Da verosmelhança na Fabula.

I.

*O Poeta
deve se-
guir ou a
verosme-
lhança, ou
a possibi-
lidade das
cozas.*

HE manifesto, pelo que já fica dito, que o Officio do Poeta não he referir as cousas, que realmente acontecêrão, mas sim as que poderião, ou deverião acontecer.

II.

*Differen-
ça neste
ponto en-
tre o Poe-
ta, e o
Historia-
dor.*

Porque o Historiador, e o Poeta não differem em escrever em verso, ou prosa, (pois que bem poderião pôr-se em verso as obras de Herodoto, e nem por isso deixaria de ser huma Historia em verso a que o era em prosa), mas differem em que hum diz as cousas, que succedêrão, e o outro as que poderião succeder.

III.

III.

Pelo que a Poezia he mais Filo-
 sofica, e instructiva, do que a Histo-
 ria, pois que refere principalmente
 as cousas geraes, e a Historia as par-
 ticulares de cada hum. Chamo cou-
 sas geraes áquellas, que convém a
 pessoas de certa qualidade dizer, ou
 fazer segundo a verossemelhança, ou
 a necessidade; e este he o alvo da
 Poezia, dando a estas pessoas os no-
 mes que lhe parece; cousas particu-
 lares são aquellas, que Alcibiades
 por exemplo, particularmente fez,
 ou lhe acontecêrão.

*A Poezia
 mais mor-
 ral, e ins-
 tructiva,
 do que a
 Historia.*

IV.

Ora em quanto á Comedia, já
 isto está mostrado; porque os Poetas
 compondo a Fabula segundo a vero-
 semelhança, põem depois aos Acto-
 res os nomes, que lhes parece, e não
 fazem como os Poetas Jambicos, que

*A Comedia
 represen-
 tando as
 cousas ge-
 raes, se-
 gundo a
 veroseme-
 lhança,
 ou possibi-*

fal-

*tidade, in-
venta os
nomes dos
Atores.*

fallão do que respeita a cada hum em particular.

V.

*A Trage-
dia conser-
va os ver-
dadeiros
nomes.*

Na Tragedia porém se conservão os verdadeiros nomes. A razão he, porque nós cremos tudo aquillo, que he possível; por consequencia não julgamos possível aquillo, que certamente não aconteceo; pelo contrario as coufas, que acontecêrão, sem dúvida são possíveis, pois que a serem impossíveis, não acontecerião.

VI.

*Algumas
vezes ad-
mitte no-
mes fingi-
dos.*

Com tudo ainda em algumas Tragedias só hum, ou dous nomes são de pessoas conhecidas, e os demais são fingidos; e em outras nenhum he conhecido, como na Flor de Agathon; pois que nesta Tragedia tanto as coufas, como os nomes, são igualmente fingidos, e nem por isso deici-ta-menos.

VII.

VII.

Pelo que não he necessario que procuremos seguir á risca as Fabulas vulgares ; donde a Tragedia he tirada ; pois sería ridiculo trabalharmos nisto , quando he certo , que ainda as cousas conhecidas , são conhecidas de poucos , e com tudo delectão ellas a todos igualmente.

Não he necessario seguir em tudo as Fabulas vulgares.

VIII.

Daqui pois claramente se segue ; que o Poeta deve ser Author mais de Fabulas , do que de versos , em quanto he Poeta pela imitação , e imita as acções. E ainda que lhe aconteça fazer uso dos successos verdadeiros , nem por isso deixa de ser Poeta ; porque nada tolhe , que algumas das cousas , que realmente acontecem , tenham toda a probabilidade , e possibilidade necessaria , e neste sentido vem o Poeta a ser Author dellas.

Certo o Poeta pôde compôr a Fabula ao seu modo.

G

IX.

IX.

*Falta de
verosime-
lhança nas
Fabulas
Epizodi-
cas.*

Das Fabulas , e Acções Simplics , as Epizodicas são as peiores : chamo Fabula Epizodica áquella , em que os epizodios não são ligados huns com os outros necessaria , nem verosimilmente. Os máos Poetas fazem semelhantes Fabulas por defeito proprio , e os bons em attenção aos espectadores. Porque compondo para os Certames , e alongando a Fabula mais do que he possível , são muitas vezes obrigados a perverter a boa ordem.

C A P I T U L O IX.

Do maravilhoso da Fabula.

I.

*Donde
provém o
maravilho-
so da Fa-
bula.*

COMO porém a Tragedia não só he imitação de huma acção completa , mas tambem de cousas terribes ,

veis, e dignas de compaixão, são estas por extremo maravilhosas, principalmente quando nascem inesperadamente humas das outras.

II.

Porque assim melhor se consegue o maravilhoso, do que se ellas procederem do acaso, e da fortuna; pois que ainda daquellas cousas, que succedem por acaso, se julgão mais maravilhosas as que parecem ter acontecido de proposito. Por exemplo, a estatua de Mitys em Argos cahio sobre o matador do mesmo Mitys, que estava assistindo então aos jogos públicos, e o matou.

III.

A razão he, porque as cousas deste genero não parecem succeder por ~~acaso~~, e ~~por~~ consequencia semelhantes Fabulas hão de ser necessariamente as mais bellas.

CAPITULO X.

Da Fabula Simples, e da Implexa.

I.

A Fabula tem a mesma natureza, que as Acções. **D**As Fabulas humanas são Simplicees, e outras Implexas, porque esta natureza tem tambem as acções, de que as Fabulas são imitação.

II.

Acção Simples. Chamo acção Simples aquella, que sendo huma, e contínua (como já dissemos) tem a sua mudança sem Peripecia, ou Agnição; e Implexa aquella, cuja mudança se faz pela Agnição, ou pela Peripecia, ou por ambas juntas.

III.

Estas Acções devem nascer da He porém necessario, que estas nasção da mesma constituição da Fabula, de sorte que venhão a resultar dos

dos successos antecedentes ou necessaria, ou verosimilmente. Porque he ^{constituição da Fábula.} muito diverso acontecer huma cousa por causa de outra, ou acontecer meramente depois de outra.

CAPITULO XI.

Da Peripecia, da Agnição, e da Paixão, ou Perturbação.

I.

A Peripecia, segundo se disse, ^{Da Peripecia.} he huma mudança das cousas presentes para hum estado contrario, a qual, como já dissemos, deve acontecer verosimil, ou necessariamente. Assim como no Edipo aquelle, que vinha para dar a Edipo novas alegres, e para lhe dissipar o receio, com que estava a respeito de sua mãe, fez o contrario, descobrindo-lhe quem elle era. E na Tragedia de Lynceo, sendo Lynceo levado como pa-

para ser morto, e seguindo-o Danao como para o matar, acontece depois pela serie das cousas, que este he o que morre, e aquelle fica salvo.

II.

*Da Agni-
ção.*

A Agnição, como denota seu nome, he humã mudança da ignorancia para o conhecimento, que se faz para amizade, ou inimidade daquelles, que estão destinados a ser felices, ou infelices. Ora a Agnição he bellissima, quando he acompanhada de Peripecias, como acontece no Edipo.

III.

*Outras es-
pecies de
Agnição.*

Ha tambem outras especies de Agnições, porque ellas podem fazer-se, como já se disse, em cousas inanimadas, ou em outras quaesquer, segundo a occurrencia. Tambem pôde haver Agnição, vindo-se no conhecimento se alguẽm fez, ou não fez alguma cousa.

IV.

IV.

Porém a de que fallamos he a *A Agni- ção com Peripeccia* mais propria da Fabula, e da Acção. Porque esta Agnição com a Peripeccia ha de produzir a compaixão, ou o terror; acções, cuja imitação he o fundamento da Tragedia, como está demonstrado. Além de que tambem por meio dellas virão as pessoas a ser felices, ou desgraçadas. *he a mais perfeita.*

V.

Como pois a Agnição he o reco- *A Agni- ção ou he Simples, ou Com- posta.* ahecimento de algumas pessoas, se- gue-se que humas Agnições são só- mente de huma pessoa a respeito da outra, quando se sabe claramente quem a outra he. Em outras porém he necessario que haja Agnição a res- peito de ambas. Assim Iphigenia foi reconhecida por Orestes por huma ~~carta~~, que mandava por elle; mas foi necessaria outra Agnição, para que Iphigenia o conhecesse.

VI.

VI.

Da Paisão.

Aqui temos pois duas partes da Fabula, a saber, a Agnição, e a Peripecia; a terccira he a Perturbação. Destas já estão explicadas a Peripecia, e a Agnição. A Perturbação he huma acção, que destroe, ou causa dor, como são as mortes certas, as dores vehementes, os ferimentos, e as mais cousas deste genero.

CAPITULO XII.

Das Partes de Quantidade, de que se compõe a Tragedia.

I.

Quaes sejam as Partes de Quantidade.

TEMOS fallado em primeiro lugar daquellas Partes da Tragedia, de que se deve usar como de fórmãs. Em quanto porém á Quantidade, as Partes diversas, e separadas, em que ella se divide, são: o Prodo-
gco,

go, o Epizodio, o Exodo, o Corico, o qual se subdivide em Parodo, e Stafimo.

II.

Estas cousas pois são commuas a todas as Tragedias ; as particulares são as que pertencem aos Actores, e aos Commos.

III.

Ora o Prologo he toda aquella *Prologos* parte da Tragedia , que está antes da entrada do Coro.

IV

Epizodio he toda aquella parte *Epizodia*, da Tragedia , que está entre os cantos completos do Coro,

V.

Exodo he toda aquella parte da *Exodo*, Tragedia , depois da qual não ha canto algum do Coro.

VI.

VI.

Corico.

Do Corico o Parodo he o primeiro discurso de todo o Coro, e o Stafimo he todo aquelle canto do Coro, que não tem Anapesto, nem Trocheo.

VII.

Commo.

O Commo he a lamentação do Coro juntamente com os Actores.

CAPITULO XIII.

Dos Caracões, que deve haver na Tragedia para ser perfeita.

I.

TEMOS pois explicado em primeiro lugar as Partes de Qualidade, de que se ha de usar na Tragedia. Referimos depois as diversas Partes, em que ella se divide, segundo a sua Quantidade. Exposto tudo
if-

isto , segue-se agora por boa ordem dizer quaes cousas devem procurar os que compõem as Fabulas , ou quaes hão de evitar , e qual caminho hão de seguir para se alcançar o fim da Tragedia.

II.

Como pois a constituição das Tragedias mais bellas não ha de ser Simples , mas Implexa , e ha de ser além disto imitadora de cousas , que excitem o terror , e a compaixão , porque isto he proprio deste genero de imitação ; segue-se evidentemente , que nem devem introduzir-se homens muito bons , e justos , que passem da fortuna para a desgraça , porque isto não he terrivel , nem digno de compaixão , mas sim abominavel ; nem tambem homens máos , que passem da desgraça para a fortuna , pois que não ha cousa menos Tragica , porque lhe faltão todos os requisitos ,

Não se deve escolher o caracter de hum homem muito bom , e justo , que passe da fortuna para a desgraça.

Nem tambem o caracter de hum homem máo , que passe da desgraça

ça para a fortuna. tos , que deve ter a Tragedia. Por quanto nem he conforme aos sentimentos da humanidade , nem excita compaixão , ou terror.

III.

Ou da fortuna para a desgraça. Finalmente tambem hum homem muito máo não deve voltar da felicidade para a infelicidade ; porque esta composição , bem que fosse conforme aos sentimentos da humanidade , não produziria com tudo compaixão , nem terror : porque a compaixão tem lugar a respeito do que he infeliz sem o merecer ; e o terror a respeito do nosso semelhante desgraçado. Pelo que neste caso o que acontece , nem parece terrivel , nem digno de compaixão.

IV.

Qua? seja o caracter , que se deve escolher. Resta pois o homem , que está no meio destes extremos. Este he aquelle , que nem se distingue muito

to pela virtude, e justiça, nem tam-
 bem cahe em desgraça pela sua ma-
 licia, ou maldade propria, mas sim
 por algum erro, ou defeito. E ha de
 ser alguma personagem das que es-
 tão em grande gloria, e felicidade,
 como Edipo, Thyestes, e outros ho-
 mens illustres de semelhantes fami-
 lias.

V.

He pois necessario que huma 1.º genero
 Fabula bem constituida seja antes de consti-
 Simples, do que Composta, como tuição da
 alguns querem, e que a mudança Fabula.
 não seja da desgraça para a fortuna,
 mas pelo contrario da fortuna para
 a desgraça; e finalmente que não
 aconteça por maldade, mas por er-
 ro, ou defeito grande de alguma
 pessoa, que seja tal, qual dissemos;
 ou quando não, que antes propen-
 da para melhor, do que para peor.

VI.

VI.

Isto se prova com a experiencia; porque antigamente servião-se os Poetas de quaesquer Fabulas, que encontravão; mas hoje as mais bellas Tragedias tomão o seu assumpto de hum pequeno número de familias, como são as de Alcmeon, de Edipo, de Orestes, de Melcagro, de Thyestes, de Telefo, e de quaesquer outros, que ou obrarão, ou padecêrão cousas terriveis.

VII.

He o melhor genero.

A mais bella Tragedia, segundo as regras da Arte, he aquella, que for composta por este modo. Por isto errão os que culpão Euripedes por observar estas regras nas suas Tragedias, e por dar a muitas dellas hum exito infeliz, pois que isto he o que deve ser, como já dissemos.

VIII.

VIII.

A prova mais evidente he , que Provas desta doutrina,
 as Tragedias deste genero parecem
 as mais Tragicas de todas , tanto no
 Theatro , como nos Certames , se
 forem bem executadas. E o mesmo
 Euripedes , posto que não disponha
 bem outras cousas , parece com tudo
 ser o mais Tragico de todos os Poe-
 tas.

IX.

O segundo genero de constitui- II.º genero de constituição da Fabula.
 ção das Fabulas (que alguns põem
 em primeiro lugar) he o que tem
 huma constituição composta , como
 a Odyssæa , e que se conclue por hum
 modo contrario ao primeiro , tanto
 a respeito dos homens bons , como
 dos máos.

X.

Julgou-se que esta merecia o pri- Razão por
 meci-

que os antigos preferião este genero.

meiro lugar por impericia dos Theatros, porque os Poetas se accommodarão a ella, compondo á vontade, e fabor dos espectadores. Porém o prazer, que resulta deste genero de composição, he muito mais proprio da Comedia, que da Tragedia; porque nella os que são na Fabula inimicissimos, como Orestes, e Egistho, se tornão por fim amigos, e nenhum delles he morto pelo outro.

C A P I T U L O XIV.

Donde deve nascer o terror, e a compaixão na Tragedia.

I.

O terror, e compaixão deve nascer do contexto da Fabula.

PÓde pois excitar-se o terror, e a compaixão pelo Apparato da Scena, e tambem pelo mesmo contexto das cousas, o que tem o primeiro lugar, e he na verdade de melhor Poeta.

II.

II.

Por quanto a Fabula deve estar composta de tal maneira, que quem ouvir as cousas, que vão acontecendo, ainda que nada veja, só pelos successos se horrorize, e se compadeça, como experimentará quem ouvir a Tragedia de Edipo.

III.

Ora o querer conseguir isto pelo espectaculo he cousa; para que não concorre a Arte do Poeta, e que depende do Apparato, e do custo da Scena.

Erro dos que querem excitar o terror, e a compaixão somente pela decoração da Scena, ou pelos incidentes monstruosos.

IV.

Tambem se desvião inteiramente da Tragedia os que nos offerecem em espectaculo não cousas terriveis, mas monstruosas; porque na Tragedia não se ha de procurar indistinctamente qualquer genero de pra-

II zer,

zer, porém sómente. o que he proprio della. . . V.

Como pois o Poeta deve por meio da imitação preparar-nos aquelle prazer, que nasce da compaixão, e do terror, segue-se evidentemente, que elle se ha de valer para isto das cousas que representa.

C A P I T U L O XV.

Das acções, ou acontecimentos proprios para excitar o terror, e a compaixão.

I.

Tres generos de pessoas, entre as quaes podem haver successos Tragicos.

EStabeleçamos pois quaes dos acontecimentos são terriveis, e quaes são dignos de compaixão. Todas as acções, que se representam, necessariamente hão de acontecer ou entre amigos, ou entre inimigos, ou entre pessoas indifferentes.

II.

II.

Ora se hum inimigo matar o seu inimigo, nem na occasião em que o mata, nem quando se dispõe para o matar nos dá motivo algum de compaixão, excepto a que provém da mesma calamidade; assim como também o não dão as pessoas indifferentes.

Nem entre pessoas indifferentes.

III.

Quando porém estas calamidades succedem entre os amigos, por exemplo, quando hum Irmão mata, ou intenta matar a seu Irmão, o filho ao Pai, a Mãe ao filho, ou o filho á Mãe, ou fazem qualquer outra cousa semelhante, então são estes os acontecimentos, que devemos procurar.

Devem preferir-se os successos Tragicos entre os amigos.

IV.

Não he porém permittido destruir as Fabulas recebidas; por exemplo,

H ii

plo,

plo, que Clytmnestra foi morta por Orestes, e Eriphyle por Alcmeon; mas deve-se achar a Fabula, e usar bem das que estiverem recebidas.

V.

Tres generos de acções atrozes entre os amigos, e qual convém mais d' Tragedia.

- Expliquemos com mais clareza a que chamamos usar bem. Por quanto a acção ou póde assim ser feita por pessoas, que sabem, e conhecem o que fazem (como os antigos praticavão), e desta maneira representou
- I. genero. Euripedes a Medea matando a seus filhos: ou póde ser feita por pessoas, que ignorem a atrocidade da acção, e estas conhecerem depois a alliança, que tinhão com os offendidos, assim como o Edipo de Sophocles. (Ahi porém succede isto fóra da Tragedia: na mesma Tragedia o introduzirão, por exemplo, Astydamante no Alcmeon, e Telegono no Ulysses, ferido). Ou ultimamente, em terceiro lugar, quando aquelle, que vai

vai a commetter por ignorancia alguma acção atroz, a reconhece antes de a executar. Não ha outro modo além destes, porque necessariamente a acção ou se ha de fazer, ou não fazer; e as pessoas ou hão de saber, ou hão de ignorar o que commettem.

VI.

De todos estes modos o pessimo *O I. he re-*
 he, quando aquelle, que conhece, *provado,*
 e intenta fazer o mal, o não chega *e muito*
 a executar, porque isto he abomina- *principal-*
 vel, e não he Tragico, pois que não *mente,*
 póde mover os affectos. Pelo que os *quando o*
 Poetas não representão cousas seme- *que sabe o*
 lhantes, senão raras vezes; assim co- *que inten-*
 mo Emon na Antigone, que quer *ta, o não*
 matar a Creonte. Por quanto ainda *executa.*
 val mais, que o que conhece a mal-
 dade, a chegue a executar.

VII.

VII.

*O II. he
melhor
que o pri-
meiro.*

He porém melhor, que o Author do crime o ignore, e que depois de feito o reconheça. Porque então nisto não ha cousa alguma abominavel, e vem a ser a Agnição muito pathetica.

VIII.

*O III. he
o mais
perfeito de
todos.*

Porém o ultimo modo he o melhor de todos: por exemplo, na Tragedia de Cresphonte está Merope a ponto de matar seu filho; mas não o mata, porque em fim o reconhece. Na Ifigenia succede o mesmo á Irmã a respeito de seu Irmão. E na Helle, quando o filho vai para entregar sua Mãe, então he que a reconhece.

IX.

*Causa da
raridade
dos af-*

Por esta razão, como já disse-
mos em outro lugar, não ha muitas
fa-

familias, de que se possão tirar af-^{sumptos}
sumptos para as Tragedias. Porque ^{Tragicos}
como os Poetas não tiravão os af-^{destes ge-}
sumptos da invenção da sua arte, ^{neros.}
mas dos acafos da fortuna, sómente
inventarão o modo de os accommo-
dar na constituição das Fabulas. Por
isso são elles obrigados a vir encon-
trar-se com todas aquellas familias,
a quem acontecerão semelhantes ca-
lamidades. Temos pois dito quan-
to basta ácerca da constituição das
coufas, e de quaes devão fer as Fa-
bulas.

C A P I T U L O XVI.

*Das condições, que hão de ter os cos-
tumes na Tragedia.*

I.

 Cerca dos costumes ha quatro *Os costu-*
coufas, que se devem procu- *mes de-*
rar. *vem ter*

II.

*IV. con-
dições.*

II.

I. *Bonda-
de dos cof-
tumes.*

A primeira, e a principal he, que elles sejam bons. Ora haverá costumes, como já se disse, se as palavras, ou as acções derem a conhecer alguma propensão, ou inclinação; e serão máos, se ella for má; e bons, se ella for boa. Acha-se isto em todo o genero de pessoas; porque tambem ha mulheres, e escravos bons, posto que ellas tenham talvez mais maldade, e que estes sejam inteiramente perversos.

III.

II. *A con-
veniencia
dos costu-
mes.*

Em segundo lugar devem ser convenientes; porque a fortaleza varonil he hum costume, e todavia não convém a huma mulher o ser varonil, ou terrivel.

IV.

III. *A fe-*

Em terceiro lugar hão de ser fe-
me-

melhantes entre si, pois que isto he *melhança*
 diverso do fazer os costumes bons, *dos costu-*
 e convenientes, como fica dito. *mes.*

V.

Em quarto lugar devem ser *IV. A*
 iguaes; porque ainda que imitemos *igualdade*
 hum homem desigual, e represente- *dos costu-*
 mos semelhante costume, com tudo *mes.*
 elle deve ser igualmente desigual.

VI.

Temos exemplo de costumes máos *Exemplos*
 introduzidos sem necessidade em Me- *de alguns*
 neláo no Orestes; de costumes inde- *defeitos*
 corosos, e não convenientes na la- *nesta ma-*
 mentação de Ulysses na Scylla, e na *teria.*
 falla de Menalippe; de costumes def-
 iguaes na Iphygenia em Aulis; por-
 que a Iphygenia, que ao principio
 supplica, não se parece ao depois
 consigo mesma.

VII.

VII.

*Da veros-
semelhan-
ça, e da
necessida-
de, que
há de ha-
ver nos
costumes.*

Tambem nos costumes, assim co-
mo na constituição das cousas, se ha
de procurar sempre ou o necessario,
ou o verosimil, e que os aconteci-
mentos succedão huns aos outros, ou
segundo a necessidade, ou segundo
a verossemelhança.

VIII.

*A verose-
melhança,
e a neces-
sidade das
soluções
deve re-
sultar da
veroseme-
lhança, ou
necessida-
de dos cos-
tumes na
Fabula.*

He pois manifesto, que as solu-
ções das Fabulas devem resultar do
contexto da mesma Fabula, e não de
máquina, como na Medea, e na Il-
liada no lugar, em que se trata da
retirada por mar.

IX.

*Quando se
pôde usar
de máqui-
nas.*

Mas pôde-se usar de máquina no
que he de fóra da Tragedia, ou na-
quellas cousas, que acontecerão an-
tes, as quaes não he possível que os
homens saibão; ou naquellas, que
hão

hão de succeder depois , que necessitão de serem prognosticadas , e annunciadas dantes ; porque nós attribuímos aos Deoses o poder de verem tudo.

X.

Não deve pois haver nos successos , que se representão , cousa alguma , que se não conforme com a razão , excepto se for fóra da Tragedia , como se faz no Edipo de Sophocles.

XI.

Como porém a Tragedia he a imitação dos melhores homens , he necessario que imitemos os bons Pintores , por quanto estes dando a todos a sua propria figura , e representando-os com semelhança , os pintão com tudo mais formosos ; assim tambem o Poeta , que imita homens iracundos , ou arrebatados , ou com ou-

*Como pôde
o Poeta
seguir o
verosimil,
conservan-
do ao mes-
mo tempo
a seme-
lhança dos
costumes.*

tros

tros semelhantes costumes, deve formar hum modêlo de colera, segundo a verossemelhança, assim como Homero, e Agathon representarão a Achilles.

XII.

Por tanto ha de se attender cuidadosamente a estas cousas, e depois disso aos sentidos, que acompanhão a Poetica, além das cousas, que são de necessidade; porque nisto nos enganamos muitas vezes: mas já tratámos deste ponto na obra, que publicámos.

CAPITULO XVII.

Das differentes especies de Agnição.

I.

I. Especie de Agnição pelos signaes.

JÁ assima dissemos, que cousa seja Agnição. As especies da Agnição são estas: a primeira (que he a de

a de menos artificio, e de que usão quasi todos por falta de invenção) he a que se faz pelos signaes. Destes huns são naturaes, como a lança, que em si trazem os filhos da terra, ou as estrellas, de que usou Carcino no Thyestes; e outros são estranhos, e destes huns são no corpo, como as Cicatrizes; e outros externos, como os Collares, e como o berço no Tyro.

II.

Destes signaes se póde usar humas vezes melhor, e outras peor; por exemplo, Ulysses foi reconhecido pela Cicatriz de hum modo pela sua ama, e de outro modo diverso pelos porqueiros; por quanto as Agnições, que se fazem para persuadir alguma cousa, e todas as mais deste genero, são as menos engenhosas; e as que nascem da Peripeecia, como a que se faz, quando a ama lava os pés a Ulysses, são melhores.

III.

III.

II. *Especie de Agnição pela invenção do Poeta.*

A segunda especie de Agnição he a que inventa o Poeta, e por isso mesmo não tem artificio. Por exemplo Orestes na Iphygenia reconheceo sua Irmã, e foi por ella reconhecido. Elia foi reconhecida pela carta, porém elle pelos signaes. Neste caso pois diz o Poeta o que quer, e não o que quer a Fabula; pelo que quasi cahe no defeito assima dito; pois que elle podia introduzir outras quaesquer cousas. Outro exemplo he a voz da Lançadeira no Tereco de Sophocles.

IV.

III. *Especie de Agnição por reminiscencia.*

A terceira especie he a que se faz pela memoria, pelo que sente aquelle, que vê alguma cousa, assim como nos Cyprios de Diogenes, porque ahi o que vio huma pintura se poz a chorar; e a que se faz na narra-

ração de Alcinoos, porque ouvindo Ulysses hum tangedor de Cythara, e recordando-se, chorou, e desta maneira forão reconhecidos.

V.

A quarta he a que se faz por Syllogismo, como nos Coephoros, por quanto tinha vindo alguém, que era semelhante: ninguém he semelhante senão Orestes: logo o que veio he Orestes. E a do Sofista Polyido na sua Iphygenia, porque era provavel, que Orestes discorresse, que se sua Irmã tinha sido sacrificada, também elle o havia de ser. E a que se faz no Tydeo de Theodectes, que vindo para procurar seu filho, elle mesmo tinha sido morto. E nas Tineides, porque vendo ellas o lugar, colligirão dahi o seu fado, e que estava destinado que morressem nesse lugar, porque alli tinham sido expostas.

VI.

VI.

*V. Espe-
cie de Ag-
nição por
Paralogif-
mo.*

Tambem ha hum modo de Agnição , que se faz por hum Paralogifmo dos espectadores , como no Ulyffes falso nuncio , porque elle disse que havia de conhecer o arco , que não tinha visto ; e os espectadores , como se elle o houvesse de conhecer , fizeram daqui hum raciocinio falso.

VII.

*Quaes se-
jão as
mais per-
jeitas.*

Ora a melhor Agnição de todas he a que nasce dos mefmos incidentes , conciliando-se a admiração por cousas provaveis , assim como a do Edipo de Sophocles , e da Iphygenia (sendo provavel , que elle quizesse enviar cartas). Por quanto só as deste genero se fazem sem signaes inventados , nem collares. Depois destas seguem-se as que se fazem por Syllogifmo.

CÁ-

CAPITULO XVIII.

*Do methodo , que se deve observar na
composição de huma Tragedia.*

I.

DEve pois o Poeta ordenar as Fabulas , e representallas com palavras , tendo-as presentes aos olhos o mais que lhe for possível ; porque desta sorte vendo as cousas clarissimamente , como se estivesse presente aos mesmos successos , descobrirá o que convém , e não lhe escapará cousa alguma , que for contraria , e repugnante.

*Deve-se
formar
primeiro
por escrito
o desenho
da Fabula.*

II.

He prova disto o que se reprehende a Carcino , porque em huma Tragedia Amphiarao sahia do Templo sem o saberem os espectadores , que o não vião , e por esta razão in-

I

di-

dignados disto a não soffrêrão no Theatro.

III.

Representar tudo com géstos, e acções.

Deve tambem representar exactamente tudo, quanto lhe for possível, com os géstos, e acções. Porque, segundo a mesma natureza, ninguém persuade tão bem como os que estão possuidos de paixão; por isso o que está violentamente agitado, excita nos outros a mesma agitação, e o irado faz irar verdadeiramente os mais.

IV.

Pelo que a Poezia ou he para homens de excellente engenho, ou para os que tem furor, e enthusiasmo; porque aquelles são faccis em fingir, e estes transportão-se, e sabem de si.

V.

V.

Por tanto he necessario que o Poeta disponha em geral tanto as Fabulas já feitas, como as que elle mesmo faz, e que forme depois os Epizodios, e entrelace as circumstancias.

Differença entre os Epizodios da Tragedia, e os da Epopœa.

VI.

A que eu chamo considerar a Fabula em geral, vê-se neste exemplo. Estando para ser sacrificada a donzella Iphygenia, e desapparecendo occultamente dos olhos dos Sacrificadores, foi estabelecer-se em outra terra, aonde era Lei que os Estrangeiros fossem sacrificados á Deosa, e alli occupou o Sacerdocio deste Templo. Pelo tempo adiante succedeo vir alli o Irmão da mesma Sacerdotiza. ¿E porque motivo? Porque hum Oraculo assim o determinára por alguma causa (o vir elle alli

Formar a Fabula geral, e universal sem Epizodios, e circumstancias.

he fóra da idéa geral ; e o motivo por que veio, he alheio da Fabula). Vindo pois, e sendo prezo, e estando a ponto de ser sacrificado, fez-se o reconhecimento ou da maneira, que o fingio Euripedes, ou (como fez Polyides) dizendo como era verosímil, que não bastava que sua Irmã tivesse sido sacrificada, mas que tambem elle o tinha de ser; e daqui lhe vem a salvação.

VII.

Pôr os nomes aos Actores, e formar depois os Epizodios.

Depois disto deve logo pôr os nomes ás pessoas, e formar os Epizodios, advertindo que estes Epizodios sejam proprios, assim como no Orestes a doudice, porque foi prezo, e o seu livramento pelas expiações.

VIII.

Nos Dramas pois são os Epizodios breves; mas a Epopêa maior
ex-

extensão recebe delles. Por quanto a Fabula da Odyſſea he dilatada. Hum homem, que anda peregrinando pelo eſpaço de muitos annos, perſeguido de Neptuno, e reſtando elle ſó dos ſeus companheiros, e que tem além diſto os ſeus negocios domeſticos em tal eſtado, que os perſequentes de ſua mulher lhe conſoſmem ſeus bens, e lhe armão traiçõẽs ao filho, chega á caſa combatido das tempeſtades, e reconhecendo a huns, e aracando a outros, por fim ſe ſalva, e deſtroẽ ſeus inimigos. Eis-aqui pois o que he proprio: tudo o mais ſão Epizodios.

CAPITULO XIX.

Do Nó, e Solução da Fabula.

I.

TOda a Tragedia se compõem de Nexo, e Solução. As cousas externas, e algumas das internas fazem pela maior parte o Nexo. O restante he a Solução.

II.

Que cousa seja Nexo, e Solução da Fabula. Digo pois que o Nexo he toda aquella parte da Tragedia desde o principio até áquelle lugar, donde se faz a mudança para a felicidade, e ahi acaba: e a Solução he desde que principia a mudança até o fim. Assim como no Lynceo de Theodectes as cousas, que já dantes tinham acontecido, e o cativoiro do menino formão o Nexo; e a Solução he desde a accusação da morte até ao fim.

III.

III.

Quatro ge-
neros de
Tragedia
em razão
do Nexo,
e Solução.

Ha quatro generos de Tragedias (porque já se disse que tambem crão quatro as suas partes). Hum he Implexa, que consiste inteiramente na Peripecia, e na Agnição: outra he Pathetica, como os Aiaces, e os Ixiocens: outra he Moral, como as Ftheotidas, e Peleo: a quarta he (Simples), como as Forcides, Pro-metheo, e todas as mais historias do inferno.

I. Implexa.

II. Pathetica.

III. Moral.

IV. Simples.

IV.

Por tanto far-se-ha todo o esforço por occupar todos estes generos, ou ao menos a maior parte; e os principaes; maiormente porque hoje calumnião os Poetas: porque como tem havido Poetas bons em cada hum destes generos, pertendem que hum só haja de exceder a cada hum delles naquillo, em que particularmente se distinguio.

Devem-se occupar todos estes generos, ou a maior parte.

V.

*Pelo Nex-
co, e So-
lução he
que as
Tragedias
ão seme-
lhantes,
ou disse-
melhantes.*

V.

*He neces-
sario for-
mar a So-
lução tão
felizmente,
como o
Nexo.*

Não he justo talvez dizer, que huma Tragedia he diversa, ou que he a mesma pela Fabula; mas diremos isto daquellas, que tem o mesmo Enredo, e a mesma Solução. Muitos tendo tecido bem, defatão mal. He porém necessario, que ambas estas cousas sejam sempre recebidas com applauso, e que se não faça da Tragedia hum Contexto Epico.

VI.

*Deve-se
evitar na
Tragedia o
Contexto
Epico.*

Chamo Contexto Epico ao que tem muitas Fabulas, como se alguém compuzesse huma Tragedia de toda a Fabula da Illiada. Porque ahi cada huma das partes recebe a grandeza, que lhe convém por causa da extensão do Poema.

VII.

Mas nas Tragedias succede muito

to diversamente , do que se suppunha. Prova-se isto , porque quantos tem posto em Tragedia a destruição de Troia toda , e não por partes (como Euripedes na Niobe , ou na Medea , e como Eschylo) ou não tem boa acceitação no theatro , ou são mal succedidos nos Certames , pois que o mesmo Agathon só por isto não foi bem succedido.

VIII.

Porém nas Peripecias , e nas Acções Simples conseguem maravilhosamente o fim , que se propõem , porque estas são Tragicas , e agradaveis. Isto se vê quando hum homem sabio , porém máo , he enganado , como Sisypho , ou quando hum homem forte he vencido. E tudo isto he verosimil , porque he verosimil succedem muitas cousas , que excedem a verosemelhança.

CAPITULO XX.

Do Coro.

I.

*Quaes se-
jão as obri-
gações do
Coro.*

Tambem he necessario que o Co-
ro represente hum dos Actores,
que seja huma parte do todo, e que
concorra para a Acção, não como se
vê em Euripides, mas como em So-
phocles.

II.

*O que o Co-
ro canta
deve ter
relação
com a Fa-
bula.*

Em quanto aos demais Poetas as
coufas, que se cantão nas suas peças,
não tem mais relação com a Fabula,
do que com outra qualquer Trage-
dia. Porém cantão canticos interca-
lares, sendo Agathon o primeiro
que tal coufa introduzio.

III.

¿E com effeito, que differença ha
cn-

entre cantar hum cantico intercalar, ou accommodar huma falla, ou hum Epizodio inteiro de huma parte para a outra?

C A P I T U L O XXI.

Da Sentença, e da Dicção.

I.

TEMOS pois tratado já das demais cousas. Resta fallar da Dicção, e da Sentença.

II.

O que pertence á Sentença, achase nos Livros, que escrevemos sobre a Rhetorica, porque nesse Tratado tem mais propriamente o seu lugar. Pertence á Sentença tudo aquillo, que faz a materia do discurso.

III.

As suas Partes são : provar, re-
fu- Partes da Sentença.

futar, e excitar as paixões, por exemplo, a piedade, o terror, a ira, e outras deste genero, e ultimamente elevar, e abater alguma cousa.

IV.

He pois manifesto, que tambem nos Dramas se ha de usar das mesmas sórmãs, quando for necessario apresentar cousas dignas de compaixão, ou terriveis, ou grandes, ou verosímeis.

V.

Tem com tudo a seguinte differença, que na Poezia devem as cousas apparecer sem artificio; mas na Oração hão de ser preparadas pelo Orador, e devem nascer das suas palavras. ; Porque qual sería o officio do Orador, se as cousas parecêsem agradaveis sem dependencia da Oração?

VI.

VI.

Entre as cousas, que pertencem á Dicção, se devem considerar os modos de pronunciar, cujo conhecimento pertence á Arte dos Representantes, e dos que tem outra semelhante profissão. Por exemplo, que cousa seja mandado, que cousa seja rogo, narração, ameaço, pergunta, resposta, e tudo o mais deste genero.

VII.

Por quanto da sciencia, ou ignorancia destas cousas não se póde fazer á Poetica accusação alguma, que mereça attenção. Porque quem se ha de persuadir, que ha hum defeito naquillo, que reprehende Protagoras, a saber, que aquelle, que parecia rogar, na verdade manda, dizendo: *Canta, ó Deosa, a ira*, por quanto diz elle, que o mandar fazer, ou não fazer alguma cousa, he preceito.

VIII.

VIII.

Fique pois isto de parte , como especulação , que pertence a outra Arte , e não á Poetica.

C A P I T U L O XXII.

Das Partes da Dicção.

I.

*Oito par-
tes na
Dicção.*

TOda a Dicção tem as seguintes partes : Letra , Syllaba , Conjunção , Nome , Verbo , Artigo , Caso , Oração.

II.

Da Letra.

A Letra pois he hum som indivisivel , não qualquer , mas tal , que delle possa formar-se hum som intelligivel , pois que rambem são indivisiveis os sons dos animaes , e a nenhum delles chamamos Letras.

III.

III.

Dividem-se as Letras em Vogaes, Divisão das Letras em Vogaes, Semivogaes, e Mudadas. Semivogaes, e Mudadas. Vogal he a que tem por si mesma hum som audível, sem esforço algum. Semivogal he a que tem hum som audível com algum impulso, como o S., e o R. Muda he aquella, que ainda com impulso não tem por si mesma som algum, mas que se faz audível, unindo-se com as que tem algum som, assim como o G., e o D.

IV.

Estas especies differem entre si Em que differem estas Letras. pela conformação da boca, e das outras partes, e por serem aspiradas, ou tenues, longas, ou breves, agudas, graves, ou circumflexas. Aos Tratados sobre o Metro pertence examinar cada huma destas cousas distinctamente.

V.

V.

Da Syllabi

A Syllaba he huma voz insignificante composta de huma Muda, e de outra Letra, que tem som. Porque as Letras *Gr* sem *A* fazem Syllaba, e tambem com o *A*, como *Gra*. Mas o examinar estas differenças tambem he proprio da Arte Metrica.

VI.

Da Conjunção.

A Conjunção he huma voz não significante, a qual não dá, nem tira a significação a huma voz, que por sua natureza se compõem de muitas vozes. Põe-se por si mesma no fim, ou no meio da oração (senão for conveniente que se ponha no principio) como por exemplo μέν, ἤτοι, ὅτι, ou he huma voz insignificante, a qual por sua natureza, de mais vozes, que huma, faz huma só voz significante.

VII.

VII.

O Artigo he huma voz insignifi- *Do Arti-*
 cante, a qual mostra o principio, ou *co.*
 o fim, ou a divisão do discurso, co-
 mo quando dizemos ο *επι*, e ο *περι*,
 e outros deste genero ; ou he huma
 voz não significante, a qual não dá,
 nem tira a significação a huma voz,
 que se compõem de muitas vozes, e
 põe-se tanto no fim, como no meio.

VIII.

O Nome he huma voz composta, *Do Nome.*
 que significa sem reppo, de cujas
 partes nenhuma he significante por si
 mesma. Porque nos nomes compos-
 tos não costumamos dar significação
 a cada nome por si só, por exemplo,
 no nome Θεοδώρων *Theodoro*, a voz
δώρων nada significa.

IX.

O Verbo he huma voz composta, *Do Verbo.*
 K que

que significa com tempo , de cujas partes nenhuma he significante por si só , assim como nos Nomes. Por quanto *homem* , ou *branco* não tem annexa a significação do tempo. Mas *anda* , ou *andou* , significação juntamente hum o tempo presente , e outro o preterito.

X.

Do Caso.

O Caso ou he de Nome , ou de Verbo ; huns casos significão o ser huma cousa deste , ou pata este : outros significão a distincção de hum , ou muitos , por exemplo *homens* , ou *homem* : outros significão em razão do tom , e gésto , por exemplo , quando he interrogação , quando he preceito ; porque *andou* , e *andai* são casos do Verbo neste sentido.

XI.

*Da Ora-
ção.*

A Oração he huma voz compo-
ta , e significante , da qual algumas
par-

partes de si mesmas tem significação. Por quanto nem toda a Oração se compõe de Verbos, e Nomes, como se vê na definição do homem, antes pôde haver Oração sem Verbos. Com tudo sempre ha de ter alguma parte significante, assim como na Oração *Cleon anda a palavra Cleon.*

XII.

A Oração diz-se *huma* em dous sentidos, ou porque significa *huma só cousa*, ou porque consta de muitas com conjunção, por exemplo, a *Iliada* he *huma* pela conjunção; e a definição do homem he *huma*, porque significa *huma só cousa.*

CAPITULO XXIII.

Das diversas especies de Nomes.

I.

Dos Nomes Simples, e Compostos.

DOS Nomes huns são Simples, (chamo Simples áquelle, que se não compõem de palavras significantes), e outros Compostos.

II.

De que vozes se formão os Nomes Compostos.

Destes huns se compõem de huma voz significante, e outra insignificante; e outros de vozes significantes. Tambem póde haver Nomes triplexes, e quadruplexes, como muitos dos Megaliotas, por exemplo Εῤῥο-καὶνὸξανθος.

III.

Divisão do Nome.

Todo o Nome ou he Proprio, ou Dialecto, ou Metaphora, ou Ornamento, ou Nome Inventado, ou
Ac-

Accrescentado , ou Diminuido , ou Mudado.

IV.

Chamo Proprio áquelle , de que todos usão. Dialecto aquelle , de que usão os outros. Pelo que he claro, que o mesmo Nome póde ser Proprio , e ser Dialecto , mas não a respeito das mesmas pessoas. Por quanto o nome *Σίπριον* he Proprio para os Cyprios , e Dialecto para nós.

V.

A Metaphora he a substituição de hum Nome alheio : ou do genero pela especie , ou da especie pelo genero , ou de huma especie por outra , ou segundo a analogia.

VI.

Chamo Metaphora do genero pela especie , por exemplo : *A minha não parou* , porque o estar a não no por-

I. *Proprio.*
II. *Dialecto.*

III. *Metaphora.*

Metaphora do Genero pela Especie.

portanto he huma especie de parar. Da especie pelo genero , por exemplo: *Certamente Ulysses tem feito mil cousas boas*, porque *mil* são muitos, e usa-se aqui desta expressão em lugar de muitos. Da Especie pela especie, por exemplo: *Roubando-lhe a vida com o ferro: Cortou com o ferro destruidor*. Porque aqui se chama ao roubar cortar, e ao cortar roubar, pois que ambas estas palavras significão alguma cousa.

VII.

Metaphora Analogica.

Chamo Metaphora Analogica, quando o segundo he a respeito do primeiro, como o quarto a respeito do terceiro, porque então pôde dizer-se o quarto em vez do segundo, e o segundo em vez do quarto. E algumas vezes se lhe accrescenta a cousa, em cujo lugar se pôe, e a que se refere. Por exemplo a *garrafa* he o mesmo a respeito de *Baccho*, que o es-

o *escudo* a respeito de *Marte*. Chamar-se-ha pois ao *escudo* *garrafa de Marte*, e á *garrafa* *escudo de Baccho*. Outra: a *tarde* he a respeito do *dia*, o mesmo que a *velhice* a respeito da *vida*. Chamar-se-ha pois á *tarde* a *velhice do dia*, e á *velhice* a *tarde da vida*, ou o *Occaso da vida*, como disse Empedocles.

VIII.

Ha algumas cousas, a que se não tem posto nome analogo; mas nem por isso deixarão de se expressar da mesma maneira, por exemplo, ao espalhar a semente chama-se *femear*; mas o espalhar-se a luz do Sol não tem nome proprio: com tudo he certo, que isto tem a mesma relação com o Sol, que tem o *femear* com a semente: por esta razão se disse *femeando a luz creada por Deos*. Póde-se pois usar da Metaphora por este modo, ou tambem de outra maneira,

Outras especies, que não tem nome.

ra, pondo primeiramente o nome estranho, e negando-lhe alguma das suas propriedades, por exemplo, se chamarmos á garrafa escudo, não de Marte, mas do vinho.

IX.

Nome formado de novo.

O nome inventado he aquelle, que não tendo sido usado absolutamente por pessoa alguma, o inventa o mesmo Poeta, porque lhe parece que algumas cousas são daquelle mesmo genero, por exemplo, chama aos cornos *ἑρνύτας* ramos, e ao Sacerdote *ἀρητῆρα* hum homem, que faz depriccações.

X.

Nome alongado.

O nome accrescentado he aquelle, em que se põe huma vogal mais longa, do que a que lhe he propria, ou em que se lhe mette huma syllaba; o abbreviado he aquelle, a que se tira alguma cousa, ou d'elle mesmo,

Nome abbreviado.

ou

ou do que se lhe havia inxerido. O accrescentado pois he, por exemplo, *πέλγος* em lugar de *πόλεως*, *πηλη.άδew* em vez *πηλειδew*. O diminuido he, por exemplo, *κοῖ*, e *δῶ*, ou quando de duas letras se faz huma *ῆς* por *ἔης*.

XI.

O nome mudado he, quando da Nome palavra, que se profere, se conserva Mudado. huma parte, e a outra se inventa, como *δεξιτερον* em vez de *δεξ.ον*.

XII.

Além disto dos nomes, huns são Nome masculinos, outros femininos, e ou- Diáscult- no. tros medios. Masculinos são todos os que acabão em *v. e. p.*, e em todas as letras, que se compõem das Mudadas, as quaes são duas o ψ , e o ξ . Femininos todos os que acabão Nome Fe- minino. em vogaes, que são sempre longas, como em η e ω , e nas longas em α ; de sorte que são iguaes em número

as

as em que acabão os masculinos, e femininos, porque o ψ, e o ξ são os mesmos. Porém nenhum nome acaba em Muda, nem em vogal breve. Em só acabão tres μέλι, κόμμι, πέπερι; em υ finco πώυ, νάπυ, γίνυ, δόρυ, ασ-
τυ. Os nomes medios acabão nestas mesmas letras, e em υ e ζ.

Nome
Medio.

C A P I T U L O XXIV.

Da clareza, e nobreza da Dicção.

I.

A clareza da Dicção provém do uso dos termos proprios.

A nobreza da Dicção provém do uso de palavras es-

A Virtude da Dicção he que seja clara, e não humilde. Ora a que se compõe de palavras proprias he a mais clara de todas, mas he humilde. Sirva de exemplo a Poezia de Cleophonte, e a de Sthenelo. Magestosa porém, e affastada do uso vulgar he a que usa de palavras ~~es-~~tranhas. Chamo palavras estranhas ao Dialecto, á Metaphora, á exten-
são,

são , e a tudo o que não he palavra propria.

*tranhãs:
e que com
sa sejam
palavras
estranhas.*

II.

Porém se alguém accumular todas estas cousas , juntamente ou fará enigmas , ou barbarismos. De modo , que se usar de Metaphoras , será enigma ; se de Dialectos , será de mais a mais barbarismo. Por quanto a natureza propria do enigma he ajuntar no discurso cousas , que são impossiveis. Isto pois não se pôde fazer pela simples contextura das palavras , mas pôde ser pela Metaphora : assim como *vi hum homem collando bronze com fogo sobre outro homem* ; e outras semelhantes. O barbarismo provém dos Dialectos. Pelo que he necessario misturar estas cousas de certo modo. Por tanto o Dialecto , a Metaphora , o Ornato , e as mais especies sobreditas farão que a Dicção não seja popular , nem humilde ; e

a pro-

*Defeitos
do Enig-
ma, e do
Barbaris-
mo, que
pôde ha-
ver neste
uso.*

a propriedade das palavras a fará clara.

III.

*A exten-
são, a di-
minuição,
e a mu-
dança das
palavras
concor-
rem mui-
to para a
clareza,
e nobreza
da Dic-
ção.*

Não contribuem em pouca parte para que a Dicção seja clara, e não popular as extensões, diminuições, e mudanças das palavras; porque deixando as expressões proprias, e afastando-se do ordinario, evitará a vulgaridade, e participando ao mesmo tempo do uso commum, será clara. Por cuja razão não he justa a censura daquelles, que reprehendem a expressão, que se faz por esta maneira, e que vituperão o Poeta; assim como fez o antigo Euclides (como se o compôr fosse facil todas as vezes que a cada hum se permittir accrescentar o que lhe parecer) satyrisando-o no mesmo genero de Dicção, como

ἢ τί χάριν εἶδον μαραθῶνα βαδίζοντα,
εἰ ἄνγειναμένος τοῦ κείνου ἐξελεῖσθον.

IV.

IV.

He pois ridiculo affectar o usar *Moderna-
ção neste
uso.* com excessõ deste genero de expressão , e na verdade ha huma medida commum a todas estas especies. Pois que aquelle , que usasse sem decóro das Metaphoras , dos Dialectos , e das demais especies , viria a conseguir o mesmo que se usasse dellas de proposito para o ridiculo.

V.

Notemos porém quanto sobresaia *Vantagem
das pala-
vras Fi-
guradas
sobre as
Proprias
para a
nobreza
da Dic-
ção.* nos versos aquillo , que lhes he conveniente. Postas as palavras em verso , se alguem em lugar do Dialecto , das Metaphoras ; e das outras especies substituir os nomes proprios , conhecerá que dizemos a verdade. Por exemplo , fazendo Eschylo , e Euripedes o mesmo verso Jambo , pela mudança de hum só nome de proprio , e usual para Dialecto , hum del-
les

les parece bello, e o outro humilde.
 Porque Eschylo no Filoçtetes disse:
A chaga me come a carne do pé; Eu-
ripedes porém em lugar da palavra
comer, repoz se banquetea. E tambem
 neste verso:

Nūndè μ' ἔων ὀλίγοστε καὶ ἔτιδανὸς καὶ
 αἰιδῆς.

se alguem differ, substituindo-lhe os
 nomes proprios:

Nūndè μ' ἔων μικρόστε καὶ ἀσθενικὸς καὶ
 αἰιδῆς.

E em lugar de

Δίφρον αἰκέλλιον καταθεῖς ὀλίγην τε
 τράπεζαν.

differ

Δίφρον μοχθηρὸν καταθεῖς μικρᾶν τε τρά-
 पेζαν.

E em vez de dizer *as praias mugem,*
puzer as praias gritão. Ariphrades
 tam-

tambem mofava dos tragicos , porque ufavão na expreffão de coufas , que nenhum outro diria , por exemplo , δώματων από , e não ἀπο δώματων . ζέβεν , ἐγὼ δένιν ἀχιλλέως περί , e não περί ἀχιλλέως , e tudo o mais deſte genero . Por quanto todas eſtas expreffões , por não serem do número das proprias , fazem que a Dicção não ſeja vulgar ; o que elle ignorava .

VI.

Tem pois grande merecimento *Decóro* o uſar com decóro de cada huma das *necessario.* coufas ſobreditas , tanto dos nomes compoſtos , como dos Dialectos ; mas o mais difficuloſo he o uſo das *Uſo da* Metaphoras , porque ſó iſto ſe não póde *Metapho-* tirar de outro , e he ſignal de enge- *ra difficil.* nho feliz . Porque o fazer bem as Metaphoras , he obſervar a ſemelhança das coufas .

VII.

VII.

Quando convém usar dos Nomes compostos, e quando dos Nomes Proprios, da Metaphora, e do Ornamento.

Dos nomes os compostos convém principalmente aos Dithyrambos, os Dialectos aos versos Heroicos, e as Metaphoras aos Jambos. Posto que nos Heroicos tem uso todas as especies referidas. E nos Jambos, porque imitação principalmente o estilo familiar, são convenientes todas aquellas palavras, de que se póde usar na conversação. Deste genero são o Proprio, a Metaphora, e o Ornato. A respeito pois da Tragedia, e da imitação, que se faz por acção, bastenos o que fica dito.

CAPITULO XXV.

Da applicação das regras da Tragedia á Epopéa.

I.

EM quanto á imitação narrativa, e que se faz pelo metro, he claro que as Fabulas devem constituir-se de sorte que sejam Dramaticas, como nas Tragedias, e ácerca de humma acção inteira, e completa, que tenha principio, meio, e fim; para que sendo como hum animal perfeito, produza o prazer, que lhe he proprio. E que não seja semelhante ás historias vulgares, nas quaes precisamente se ha de fazer a narração, não de humma acção, mas de hum tempo, referindo-se todas as cousas que nelle acontecêrão a respeito de humma, ou muitas pessoas, das quaes cousas cada humma tem com as outras a re-

A Fabula Epica deve ser Dramatica, ter unidade, e justa grandeza.

Differença entre a Epopéa, e a Historia em razão da unidade, e justa grandeza da Acção.

L la-

lação, que lhes dá o acaso. Porque assim como a batalha naval de Salamina, e a peleja dos Carthaginezes em Sicilia succedêrão pelo mesmo tempo, sem que de algum modo se dirigissem ao mesmo fim, assim também em tempos successivos acontece algumas vezes huma cousa depois da outra, sem que dellas resulte hum só fim.

II.

Porém quasi a maior parte dos Poetas obra assim. Por cuja razão, como já dissemos, também nesta parte nos deve Homero parecer divino sobre todos os outros, pois que não emprehendeo tratar toda a guerra de Troia, posto que ella tivesse principio, e fim. Porque viria a ficar demaziado grande, e não poderia comprehender-se de huma só vista, ou se a modificasse na grandeza, ficaria muito complicada, e perplexa pela sua
sua

fua variedade. Porém escolhendo huma parte, usa de muitos Epizodios, por exemplo do Catalogo das náos, e dos outros Epizodios, com que entretece o seu Poema.

III.

Os outros porém tratão fim de huma pessoa, e de hum tempo, e de huma acção, mas que tem muitas partes, como o que compoz os Cyprios, e a pequena Iliada. Por quanto da Iliada, e da Odyssea poderia fazer-se de cada huma, huma Tragedia, ou duas sómente. Mas dos Cyprios podião fazer-se muitas, e da pequena Iliada mais de oito, por exemplo, o Juizo das Armas, Philoctetes, Neoptolemo, Eurypylo, o Mendigo, a Lacedemonia, a preza de Troia, a Retirada, o Sinon, e as Troadas.

CAPITULO XXVI.

*Da applicação das especies, e partes
da Tragedia á Epopêa.*

I.

*Na Epopêa ha
tambem as
demais
partes da
Tragedia,
excepto a
Melopêa,
e a Deco-
ração.*

A Além disto deve a Epopêa ter as mesmas especies que a Tragedia; porque ou ha de ser Simples, ou Implexa, ou Moral, ou Pathetica, e as mesmas partes, excepto a Melopêa, e a Decoração. Por quanto tambem necessita de Peripecias, de Agnições, e de Paixões, e de belleza igualmente nas Sentenças, e na Dicção; de todas as quaes cousas usou Homero primeiro que todos, e quanto era necessario. Pois que elle compoz cada hum dos seus Poemas, a Iliada Simples, e Pathetica, e a Odyssêa Implexa, porque he toda cheia de Agnições, e he moral. Além disto excedeo a todos na Dicção, e na Sentença.

II.

II.

Porém em quanto ao contexto differa a Epopêa da Tragedia na extensão, e no metro. O termo da sua extensão he o que já diffemos; porque he necessario que se possa ver ao mesmo tempo o principio, e o fim. Isto se conseguirá, se o contexto for mais curto que os antigos, e responder ao número de Tragedias, que se destinão para se ouvirem de huma vez. Porém a Epopêa tem huma cousa muito principal para estender a sua grandeza. Pois na Tragedia não cabe a imitação de muitas cousas, que se fazem ao mesmo tempo, mas sómente a do que se passa no theatro, e diz respeito aos Actores. Mas na Epopêa, por isso mesmo que he narração, podem tratar-se muitas cousas separadas, que se executarão no mesmo tempo, com as quaes por lhe serem proprias, cresce o volume do

Differença entre a Epopêa, e a Tragedia.

I. Na extensão, que he maior na Epopêa, e porque.

do Poema. Pelo que a Epopêa tem esta vantagem para a magnificencia, como tambem o fazer variar o ouvinte, e o epizodiar com Epizodios diversos. Porque a uniformidade, causando logo faciedade, faz que as Tragedias não tenham boa acceitação.

III.

II. No
Metro,
que he Heroico.

Em quanto ao metro, o Heroico he por experiencia o mais accommodado; porque se alguem fizer huma imitação narrativa em qualquer outro metro, ou em muitos metros diversos, isto certamente parecerá improprio. Por quanto o Heroico he o mais magestoso, e o mais pomposo de todos os metros. E por isso he o que mais admite Dialectos, e Metaphoras, porque tambem a imitação narrativa he a mais excellente de todas as outras. O Jambo, e o Tetrametro são proprios para o movimento; aquelle para a Orchestica, e ef-

e este para a acção. Porém ainda será maior absurdo se alguém misturar estes generos de versos, assim como fez Cheremon. Por isso ninguem fez composição dilatada em outro metro, senão no Heroico. Antes, como dissemos, a mesma natureza ensina a preferir aquillo, que he mais accommodado.

IV.

Homero pois não só he digno de louvor por outras muitas cousas, mas tambem porque só elle entre os Poetas conhece o que lhe compete fazer. Por quanto o Poeta deve dizer muito poucas cousas, porque de outra sorte não he imitador. Ora os outros geralmente figurão per si mesmos continuamente, e imitão poucas cousas, e poucas vezes. Elle porém, depois de huma pequena prefação, logo introduz hum homem, ou huma mulher, ou alguma outra cousa, que te-
nha

nha costumes; e nunca cousa alguma sem costumes, mas sim que seja morata.

V.

III. No
Maravi-
lhofo, que
convém
mais á
Epopêa.

He necessario que nas Tragedias se excite o maravilhoso; porém elle á proporção ainda tem mais lugar na Epopêa. Por isso o maravilhoso lhe convém summamente, pois que não temos diante dos olhos as pessoas, que fazem a acção. Por quanto o passo do seguimento de Heitor seria ridiculo, se se puzesse no theatro, vendo-se huns parados, e sem o seguirem, e o outro accnando com a cabeça. Mas no Poema Epico fica isto encuberto.

VI.

E que o maravilhoso seja agradavel, se demostra; porque todos os que narrão alguma cousa, a amplificação para a fazerem agradavel. Ho-
me-

meio foi o que principalmente ensinou os demais a dizer cousas falsas de hum modo conveniente. Isto he hum paralogismo. Porque os homens julgão que quando de existir, ou fazer-se alguma cousa, resulta fazer-se outra, tambem da existencia da segunda ha de seguir-se o existir, ou fazer-se a primeira. Isto porém he falso; logo tambem será falso o primeiro. Mas deve accrescentar-se, que existindo huma cousa, deve a outra existir, ou fazer-se necessariamente. Por quanto sabendo que isto he verdadeiro, raciocina falsamente a nossa alma, que tambem o primeiro existe.

VII.

Devem tambem escolher-se antes cousas impossiveis, e provaveis, do que possiveis, e incriveis; e não compôr os discursos de partes, que se não conformem com a razão, antes he muito essencial que não tenham

*Escolha de
cousas pro-
vaveis, e
verosimeis.*

nhão cousa alguma contra a razão ; ou se a houver , que seja fóra da Fabula , como no Edipo o não saber elle como foi a morte de Laio ; mas nunca no Drama , assim como na Electra os que vem dar noticia dos jogos Pythicos , e nos Mysios o que vem de Tegea até Myfia sem fallar.

VIII.

Como se deve haver o Poeta nas cousas incriveis.

Por tanto o dizer-se que então a Fabula se destruiria , he cousa ridicula , porque desde o principio se não devem compôr semelhantes Fabulas ; se ella porém estiver estabelecida , e se fizer com que pareça mais racionavel , póde admittir-se , ainda que seja absurda. Pois que tambem as cousas pouco conformes á razão , que ha na Odysea , quero dizer , o passo da exposição , conhecer-se-hia claramente que erão insoffríveis , se fossem tratadas por hum Poeta máo ; ahi porém o Poeta representa o que he

he absurdo , temperando-o com as outras bellezas.

IX.

Deve pois o Poeta trabalhar muito com a Dicção nos lugares ociosos , e não nos que tem costumes , ou sentença ; porque antes a Dicção muito brilhante encobre os costumes , e as sentenças.

CAPITULO XXVII.

Das objecções , que se fazem aos Poetas , e da sua solução.

I.

QUantos porém , e quaes sejam os generos de objecções , que se oppõem aos Poetas , e as suas soluções , claramente conheceraõ aquelles , que fizerem as reflexões seguintes.

II.

II.

Dos tres lugares communs, donde se tira a solução das objecções.

I. do objecto da Imitação.

II. do vicio, ou instrumento da Imitação.

Porque como o Poeta he imitador, assim como o pintor, ou qualquer outro, que representa imagens, necessariamente ha de imitar huma de tres cousas, pois que ou elle imita as cousas, quaes forão, ou são, ou quaes dizem, e he provavel que ferião, ou quaes devem fer. E expõe isto com a Dicção, ou tambem com Dialectos, e Metaphoras. E com effeito são muitas as affeições da Dicção, que concedemos aos Poetas.

III.

Do modo, por que se faz a Imitação.

Dous generos de defeitos na Poetia.

I. proprios, e essenciaes.

II. estranhos, e accidentaes.

Além disto a bondade da Poetia não consiste no mesmo, em que consiste a bondade da Politica, ou de outra qualquer arte. Porém os defeitos da Poetia são dous, pois que hum nasce della mesma, e o outro lhe he accidental. Porque se ella se propõe imitar cousas impossiveis, o defeito he

he seu ; porém se fizer boa escolha , mas por exemplo representar hum cavallo , que lança para diante ambos os pés direitos ; ou errar a respeito de alguma Arte , como a respeito da Medicina , ou de outra qualquer ; se fizer cousas impossiveis , não errará então per si mesma. Pelo que as objecções que ha sobre estas questões , devem resolver-se , examinando-se por estes principios.

IV.

Porque em primeiro lugar se o Poeta fizer na mesma Arte cousas , que não se podem fazer , erra ; mas obraria bem , se viesse a conseguir o fim della (este fim já está explicado) , por exemplo , se por esta maneira fizer esta , ou outra parte mais pasmosa , e admiravel : temos exemplo no seguimento de Heitor. Porém se o fim pouco mais , ou menos se podia conseguir , e houve erro na

Ar-

Arte sobre estes pontos, o Poeta não obra bem, porque se isto se consentisse, então não erraria elle em caso algum.

V.

Deve tambem ver-se em que cousas se commetteo o erro, se he contra o que pertence á Arte, ou contra outra cousa accidental. Porque he menos importante que o Poeta ignore que a Cerva não tem cornos, do que que a imite mal na discrição.

De que modo se responde ás objecções, que se fazem a respeito do objecto da Imitação. O Poeta trata as cousas:
 I. ou como deverião ser:
 II. Ou segundo a fuma:

VI.

Além disto se o accusarem de que diz as cousas, não como são na verdade, mas como devem ser, tambem Sophocles por exemplo dizia, que elle fazia os homens quaes devem ser, e Euripedes quaes na realidade são. Pelo que esta he a resposta, que se lhes deve dar. E senão puder ser de nenhum modo destes, responder-se-

se-ha que aquellas cousas se contão
 assim , como por exemplo , as histo-
 rias , que se referem dos Deoses ; por-
 que supposto o referillas assim , tal-
 vez nem seja melhor , nem verdadei-
 ro ; com tudo he certo , que assim
 correm , como dizia Xenophanes.
 Mas elles não dizem isto.

VII.

Póde tambem ser que o que se diz não seja o melhor , mas com ef-
 feito succedesse , assim como aquel-
 le lugar , em que se falla das armas

————— ἔγχεαδέσφι
 ἐρθ' ἐπὶ σαυρωτήρῃς ,
 ————— e as suas lanças
Direitas sobre os contos stão cravadas.

Porque assim costumavão então , e
 ainda hoje costumão os Illyrios. E
 para conhecer se huma cousa foi bem ;
 ou mal obrada , ou bem , ou mal di-
 ta por alguém , não sómente deve
 at-

attender-se á mesma acção, ou dito, vendo se elle he bom, ou máo, mas tambem ao que obrou, ou disse, a respeito de quem, quando, a quem, e porque motivo: por exemplo, se a causa de se fazer foi o maior bem, ou a causa de se não fazer o maior mal.

VIII.

Como se
podem dis-
solver as
objecções a
respeito do
meio, ou
instrumento
da Imita-
ção.
I. Pela ra-
zão do
Dialecto.

Diffolveremos outras dúvidas, olhando para a Dicção, por exemplo, no Dialecto Οὐρῆας μὲν πρώτον (*Primeiramente accommetteo a peste os machos*): Porque talvez o Poeta não entenda por *υρῆας* os machos, mas os sentinellas. E a respeito de Dolon *εἶδος μὲν ἔην κακὸς* (*era de máo aspecto*) não significa a irregularidade do corpo, mas a deformidade do rosto, porque os Cretenses chamão *ἑνεδῆς* ao que tem o rosto formoso. E quando se diz *ζωρότερον δὲ κέραιρε* (*lança-lhe vinho puro*) *ζωρότερον* não significa ahi vi-
nho

nho puro, como se dá aos bebados, mas significa depressa.

IX.

Outras cousas explicão-se pela *ii. Pela* Metaphora, por exemplo, ἄλλοι μὲν <sup>Metapho-
ρα.</sup> θεοί τε, καὶ ἄνδρες εὐδονπανύχιοι (Já os outros Deoses, e homens dormiãõ por toda a noite). E tambem ἦτοι ὄτ' ἴς πεδίου το τρωϊκὸν ἀθρησειεν (Ou quando olhava para o campo Troiano). E αὐλῶν συρίγγωντε ὀμαδὲν (O estrepito das flautas, e gaitas). Porque todos diz-se por Metaphora, em lugar de muitos, pois que tudo certamente he muito. Tambem nesta passagem οἷη δ' ἄμμορος (Ella unicamente he izenta) se falla por Metaphora; porque aquillo, que he mais conhecido, se chama unico.

X.

Tambem se responde a estas ob- *iii. Pelos* jeccções pelo modo de pôr os accen- *Accentos.* tos, como Hippias Thasio explicou

M

ef-

estas palavras *δίδομεν δὲ οἱ* (*porém nós damos*, ou, *porém nós lhe damos*): e esta *ἔνυ κατα πύθεται ὄμβρω* (*do qual apodrece com a chuva*, ou, *não apodrece com a chuva*).

XI.

IV. *Pela pontuação.*

Outras se dissolvem pela pontuação, como no lugar de Empedocles *ἄψα δὲ θνητὰ ἐφύοντο*, *τὰ πρὶν μάθον ἀθάνατα ζῶά τε*, *πρὶν κέρρητο*. (*E logo se fizeram mortaes as cousas, que eu primeiramente conheci, que são immortaes, e Simpleses as que antes erão compostas*).

XII.

V. *Pela Amphibologia.*

Outras por Amphibologia, por exemplo *παρώχηκε πλέον νύξ* (*Tem passado a maior parte da noite*). Outras

VI. *Pelo uso ordinario das palavras.*

pelo uso ordinario das palavras; a palavra *κεκραϊένον* (*misturado*) dizem que significa o vinho. Donde vem tambem *κνημὶς νεοτέυκτη κασσιτέροιο* (*a gre-*

greva de estanho recentemente feito); e o chamar officiaes de bronze χαλκείας aos que trabalham em ferro. Daqui tambem se diz, que Ganimedes ministrava vinho aos Deoses. οἶνοχοεῦειν. Mas tambem isto póde ser por Metaphora.

XIII.

Quando tambem algum nome vii. Pela variedade das significações. parece significar alguma cousa contraria ao sentido, deve-se considerar quantas significações póde ter na materia, de que se trata, por exemplo, τῇ ᾗ ἔσχετο χάλκεον ἔγχος (e a esta ficou pegada a lança de bronze); porque aqui ἔσχετο significa ser detida, embarrasada. Quantas sejam as significações diversas, conhece-se principalmente comparando a palavra com a significação contraria. E não como aquelles, de quem diz Glauco, que se preoccupão, e com os seus raciocinios condemnão logo per si mes-

mos; e como se pronunciaſſem a Sentença , reprehendem tudo o que ſe oppõe á ſua opinião. Isto aconteceo a respeito da historia de Icario ; porque aſſentão que elle era Lacedemonio , e por conſequeſcia que he abſurdo , que indo Telemaco á Lacedemonia ſe não encontratſſe com elle. Isto porém talvez ſeja do modo que dizem os Cefaleneſes , porque eſtes ſeguirão que Ulyſſes caſára na ſua terra , e que elle era Ieadio , e não Icario. Eſta objecção pois naſce provavelmente deſſe engano.

XIV.

Reduzindo o impoſſivel, e o abſurdo, ao que pôde ſer crível na Poezia.

Ao que he melhor.

Em huma palavra , o impoſſivel deve reduzir-ſe ou á Poezia , ou ao que he melhor , ou á opinião. Porque em quanto á Poezia , deve-ſe antes eleger o impoſſivel , que ſe pôde erer , do que o incrível , ainda que ſeja poſſivel ; e as peſſoas devem ſer taes , quaes Zeuxis as pintou. O meſmo

mo he a respeito do que he melhor, porque o modelo deve sempre ser excellente.

XV.

Em quanto á opinião deve seguir-se o que communmente se diz. *Ao que he segundo a fama.* As cousas, que se dizem oppostas á razão, dá-se-lhes a mesma resposta; e tambem se responde, que algumas vezes não são contrarias á razão, porque he verosimil succederem algumas cousas, ainda além da verosemelhança. Aquellas cousas, que do modo que estão ditas, parecem contrarias entre si, devem examinar-se da mesma maneira, que se examinão as objecções na Logica, isto he, se se diz o mesmo para o mesmo fim, e do mesmo modo; como tambem se o que o diz he o mesmo, se falla de seu motu proprio, ou segundo o parecer de algum homem prudente. Porém justamente se critica o que he contrario

rio á razão, e a maldade; quando o Poeta usa, sem necessidade alguma, ou do que se oppõe á razão, como Euripedes no Egisto, ou da maldade, como no Orestes a de Meneláo.

XVI.

Por tanto estas objecções, que se propõe, são de cinco especies; porque ou se critica alguma cousa como impossivel, ou como absurda, ou como má, ou como contradictoria, ou como contraria ás regras da Arte. As respostas devem procurar-se nos lugares, que ficão ditos, e são doze.

CAPITULO XXVIII.

*Da superioridade que tem a Tragedia
sobre a Epopéa.*

I.

ORa qual das duas seja melhor, *Argumen-
tos dos que
preferem
a Imitação
Epica á
Tragedia.* se a imitação Epica, se a Tra-
gica, he ponto duvidoso. Porque se
a melhor he aquella, que necessita
de menos auxilio, e deste genero he
a que se dirige a espectadores mais
habeis, he claro que a que imita to-
das as cousas, necessita de mais au-
xilio. Porque ahi se fazem muitos
géstos, e movimentos, como se para
os espectadores perceberem fosse ne-
cessario ao Poeta ajuntar-lhe estas
cousas.

II.

Assim como fazem os máos toca-
dores de flauta, que rodão por terra,
quan-

quando querem imitar hum disco, e que arrastão a si o chefe do Coro, quando na Musica imitão a Scylla. Deste genero pois he a Tragedia, e os Actores antigos assim consideravão os modernos. Pois que Mynisco chamava macaco a Callippides por ser muito excessivo nos géstos. A mesma opinião havia a respeito de Pindaro. De sorte que os Actores modernos são a respeito dos antigos, o que a Arte Tragica he a respeito da Épopeia. Dizem pois que esta he para espectadores mais nobres, porque para elles não he necessario representação, ou gésto algum; e a Tragica para o povo. Por consequencia esta que necessita de mais auxilio, vem a ser inferior.

III.

*Resposta a
estes argu-
mentos.*

Porém em primeiro lugar esta accusação não respeita á Poezia, mas á representação; pois que podem ajudar-

dar-se dos géstos tanto os que recitão os Poemas Épicos , como fazia Sofítrato , como os que os cantão , como fazia Mnásitheo Opuntio. Além do que nem todos os movimentos merecem ser reprovados , assim como nem as danças , mas sómente os movimentos viciosos , o que se reprehendia a Callippides , e presentemente se reprehende a outros , porque não imitão mulheres ingenuas , e honestas. Quanto mais que a Tragedia póde também fazer-se sem movimento , do mesmo modo que a Epopêa. Porque lendo-se , conhece-se claramente o seu merecimento. Se ella pois he melhor que a Epopêa nas demais cousas , por certo que isto não he necessariamente da sua essência.

IV.

Depois disto a Tragedia tem tudo o que tem a Epopêa , porque póde também usar do metro , e tem de mais

A Tragedia tem o mesmo , e ainda mais

do que a Epopêa. mais huma parte não pequena, a saber, a Musica, e o Apparato; pelas quaes se concilia evidentissimamente o prazer, e além disto tem evidencia tanto na leitura, como na acção; e tem a vantagem de que o fim da sua imitação se comprehende em menos extensão; porque aquillo, que está reduzido a menos espaço, causa muito maior prazer, do que se estivesse disperso por tempo dilatado, como por exemplo, se alguém puzesse o Edipo de Sophocles em tantos versos, quantos tem a Iliada.

V.

Tem mais unidade. Finalmente qualquer imitação Epica tem menos unidade; o que se prova, porque de qualquer destas imitações se fazem muitas Tragedias. Pelo que se o Poeta na Epopêa se servir de huma Fabula, necessariamente ou ha de parecer mutilada, e imperfeita, se elle a expuzer bre-

brevemente , ou ha de parecer languida , se quizer dar-lhe com o metro a sua justa extensão. E se usar de muitas Fabulas , quero dizer , se ella for composta de muitas acções , faltará á unidade. Assim como a Iliada , e a Odyſſea tem muitas partes deſte genero , as quaes tem tambem a ſua grandeza ; poſto que eſtes dous Poemas eſtejam na verdade compoſtos o melhor que he poſſivel , e ſejam principalmente imitação de huma ſó acção.

VI.

Se pois a Tragedia ſe diſtingue em todas eſtas couſas , e além diſto no fim proprio da Arte ; pois que eſtas Poezias não devem produzir indiftinctamente qualquer prazer , mas o prazer que já diſſemos ; ſegue-ſe manifeſtamente que ella he mais perfeita , e que conſegue o ſeu fim muito melhor do que a Epopêa.

Conclue-ſe que a Tragedia he mais perfeita que a Epopêa.

VII.

VII.

Baste pois o que fica dito da Tragedia , e Epopêa , tanto em si mesmas , como das suas fórmãs , e partes , número , e differença dellas : quaes sejam as causas da sua bondade , ou maldade , e finalmente sobre as objecções , e respostas , com que se dissolvem.

F I M.



I N-

I N D I C E
DOS CAPITULOS,
QUE SE CONTÉM NESTE LIVRO.

- C**AP. I. *Das tres differenças das Artes em geral, e em particular da primeira Diferença, que consiste na diversidade dos Instrumentos, com que fazem a sua imitação.* Pag. 1.
- CAP. II. *Da segunda Diferença das Artes, ou dos diversos objectos da sua imitação.* - - - - - 7.
- CAP. III. *Da terceira Diferença das Artes, ou da diversa maneira, por que fazem a sua imitação; e da pertença dos Doricos sobre a invenção da Tragedia, e da Comedia.* - - 9.
- CAP. IV. *Da origem da Poezia; e das diversas, e particulares formas que tomou.* - - - - - 12.
- CAP. V. *Da Tragedia em particular, e das suas Partes.* - - - - - 23.
- CAP. VI. *Da justa Grandeza da Fabula.* - - - - - 31.
- CAP. VII. *Da unidade da Fabula.* 35.
- CAP.

CAP. VIII. <i>Da verosemelhança na Fabula.</i>	38.
CAP. IX. <i>Do maravilhoso da Fabula.</i>	42.
CAP. X. <i>Da Fabula Simples, e da Implexa.</i>	44.
CAP. XI. <i>Da Peripecia, da Agnição, e da Paixão, ou Perturbação.</i>	45.
CAP. XII. <i>Das Partes de Quantidade, de que se compõe a Tragedia.</i>	48.
CAP. XIII. <i>Dos Caracêteres, que deve haver na Tragedia para ser perfeita.</i>	50.
CAP. XIV. <i>Donde deve nascer o terror, e a compaixão na Tragedia.</i>	56.
CAP. XV. <i>Das acções, ou acontecimentos proprios para excitar o terror, e a compaixão.</i>	58.
CAP. XVI. <i>Das condições, que hão de ter os costumes na Tragedia.</i>	63.
CAP. XVII. <i>Das diferentes especies de Agnição.</i>	68.
CAP. XVIII. <i>Do methodo, que se deve</i>	

<i>ve observar na composição de huma</i>	
<i>Tragedia.</i>	73.
CAP. XIX. <i>Do Nó, e Solução da Fa-</i>	
<i>bula.</i>	78.
CAP. XX. <i>Do Coro.</i>	82.
CAP. XXI. <i>Da Sentença, e da Dic-</i>	
<i>ção.</i>	83.
CAP. XXII. <i>Das Partes da Dicção.</i>	86.
CAP. XXIII. <i>Das diversas especies</i>	
<i>de Nomes.</i>	92.
CAP. XXIV. <i>Da clareza, e nobreza</i>	
<i>da Dicção.</i>	98.
CAP. XXV. <i>Da applicação das regras</i>	
<i>da Tragedia á Epopéa.</i>	105.
CAP. XXVI. <i>Da applicação das ef-</i>	
<i>pecies, e partes da Tragedia á Epo-</i>	
<i>péa.</i>	108.
CAP. XXVII. <i>Das objecções, que se</i>	
<i>fazem aos Poetas, e da sua solu-</i>	
<i>ção.</i>	115.
CAP. XXVIII. <i>Da superioridade que</i>	
<i>tem a Tragedia sobre a Epopéa.</i>	127.

